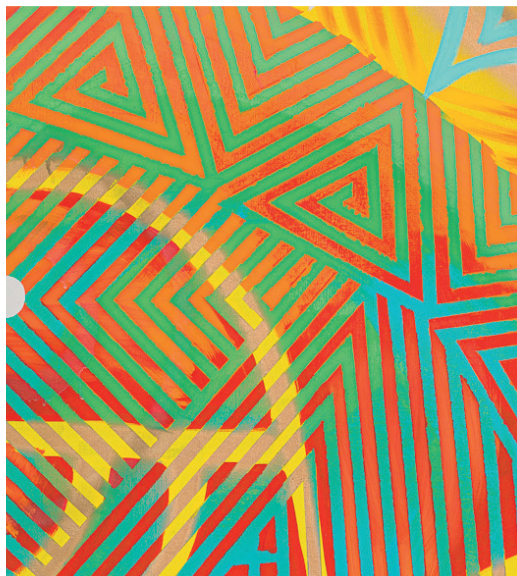
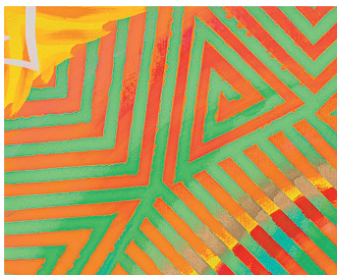




unesco

Instituto Internacional para
la Educación Superior en
América Latina y el Caribe

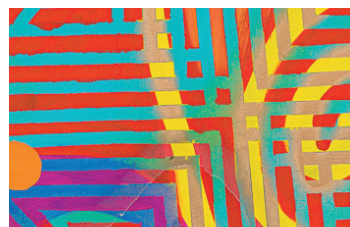
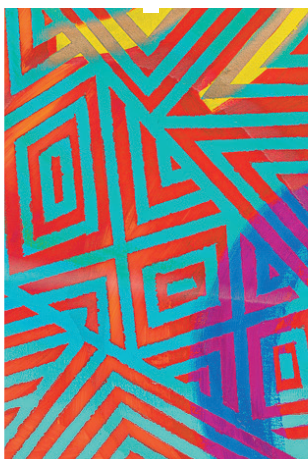


ess • Educación
• Superior y
• Sociedad
•
•
•
•
•

Vol. 37 Nro.1 (2025)



Artículo bilingüe:
Portugués - Tukano



**A presença dos
Pós-Graduandos
Indígenas na
Faculdade de Educação
da Universidade
Federal do Rio Grande
do Sul: Desafios
e Permanências**

Autor: Osmar Cordeiro da Silva
Traductor: Duturu





1. A presença dos pós-graduandos indígenas na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: desafios e permanências

Po'terikâharã niísé pós-graduação Faculdade Educação
Universidade Federal Diã Pahiró Siró: ieresé tohakeasé

Osmar Cordeiro da Silva * @

Yupuri

Traducción al Tukano **

* Doutorado em Educação (pertencente ao povo Tukano) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

** Duturu (Ye'pá mahsî) Educação da Universidade Federal Diã Pahró Siró, Pehtá Ekati-ró, Brasil.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre os percursos de estudantes indígenas Kaingang, Guarani, Kubeu e Tukano, em um programa de pós-graduação a partir de suas próprias leituras, desafios e perspectivas que assumem. Buscar-se-á também analisar a política de cotas e permanência para os estudantes indígenas, assim como suas lutas e conquistas, as produções de conhecimentos desde os saberes ancestrais, a relação com professores do programa e a promoção ou não do diálogo coletivo entre o conhecimento científico e indígena. As reflexões apresentadas buscam contribuir e potencializar no programa de pós-graduação as experiências, assim como refletir os obstáculos e desafios vivenciados pelos pesquisadores indígenas durante os anos de permanência na universidade, corroborando desse modo para que a universidade tenha mais abertura para o diálogo intepistêmico, mesmo que ele gere conflito. O estudo apoiou-se na metodologia colaborativa, nos fundamentos da reciprocidade e da complementaridade, da trajetória acadêmica, permeados de documentos bibliográficos, no uso

do método da oralidade e da roda de conversa com membros dos povos indígenas. Pensar nesta direção nos parece um percurso produtivo para iniciar mudanças, pois o que se busca nos programas e nas universidades é o acesso e permanência indígena de forma respeitosa, honesta, em que possam aprender mutuamente desde a dimensão intercultural e intepistêmica.

Palavras-chave: Diálogo Intercultural, saberes indígenas, ações afirmativas, ensino superior

Po'terikāharā nīisé pós-graduação Faculdade Educação Universidade Federal Diā Pahiró Siró: ieresé tohakeasé

NEÉ'NO

A'to da'arakaro wakunenesé weesé nīi po'terikāharā buena ma'āni Kaingang, Guarani, Kubeu Tukano, Programa de Pós-Graduação na bahsí papera ĩ'yāsé, cumutasēkenamena keoró weé a'té. Ukunsemena anhuno hamansé Política de Cotas buena po'terikāharā tohakiaro, tohotá amekê tuhtuakê, di'pokākāharā mahsínsé ukuún katise, programa bu'ēgi karāmena nise-tiromena ukuúsé pahnamena weése científico mahsínsemena po'terikāharā yē'ē mena. A'to wahkunsé yonsé weétamusé hamanó té programa de pós-graduação tuhtuarosa ĩ'sā mahsínse mena. Tohotá, cumutaseré ti'ó ĩ'yānasa kñ diosaseré bohkararó té kimarí universidade tohakēakaro, weétamunasama, toho wero universidade ukunsere paā'ninosa pehé mahsā mahsí, ukuúamekense warosa. A'to buero yāa tuú'nopā paharā ahposémēna, keorómena ukunsé dika yuú'nopā keoró a'mésio'nopā, académicos na ahpokê ma'āni, ohoakê punipi niwanhasé kihtí nisé tohó nikā ukunsé ahposé keonopā, paharā mena ukunsé, poterikarā mahsā keosé. Topí ti'ó diahkine ĩ'yākaré a'ti ma'ā anhunka tisā mehkā ninó warosa, beró programas universidadekena hamanasāma po'terikaharā sahánó toho nikā tohakiaro keoró ehó peoró nisa, keoró weése, nipetima mahasínasama pahaná mahsā po'terikāharā mahsínsemēna.

Uró-sáwi: Mahsínse Ukuúsé, po'terikāharā mahsínsepē, keoró waasé, pahiró bu'eró

The Presence of Indigenous Graduate Students at the Faculty of Education of the Federal University of Rio Grande do Sul: Challenges and Remains

ABSTRACT

This paper aims to reflect on the journeys of indigenous students, specifically Kaingang, Guarani, Kubeu, and Tukano, in a postgraduate program, based on their readings, challenges, and perspectives. It will also seek to analyze the policies of quotas and permanence for indigenous students, as well as their struggles and achievements, the production of knowledge from ancestral knowledge, the relationship with professors in the program, and the promotion or lack thereof of collective dialogue between scientific and indigenous knowledge. The reflections presented here seek to contribute to and enhance the experiences of the postgraduate program, as well as to reflect on the obstacles and challenges experienced by Indigenous researchers during their years at the university, thus helping to make the university more open to inter-epistemic dialogue, even if it generates conflict. Thinking in this direction seems to us to be a productive way to initiate changes, since what is sought in programs and universities is indigenous access and permanence in a respectful, honest way, in which they can learn from each other from the intercultural and inter-epistemic dimension.

Keywords: Intercultural dialogue, indigenous knowledge, affirmative action, higher education

La presencia de estudiantes Indígenas de posgrado en la Facultad de Educación de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul: desafíos y retos

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es reflexionar sobre los recorridos de estudiantes indígenas, Kaingang, guaraní, Kubeu y Tukano, en un programa de posgrado, a partir de sus propias lecturas, desafíos y perspectivas. También buscará analizar la política de cupos y permanencia para estudiantes indígenas, así como sus luchas y logros, la producción de conocimiento a partir de saberes ancestrales, la relación con los profesores del programa y la promoción o no del diálogo colectivo entre saberes científicos e indígenas. Las reflexiones presentadas bus-

can aportar y enriquecer las experiencias del programa de posgrado, así como reflexionar sobre los obstáculos y retos que viven los investigadores indígenas durante sus años en la universidad, contribuyendo así a que la universidad sea más abierta al diálogo inter-epistémico, aunque genere conflictos. Pensar en esta dirección nos parece una forma productiva de iniciar el cambio, ya que lo que se busca en los programas y universidades es el acceso y permanencia indígena de una manera respetuosa, honesta, en la que puedan aprender unos de otros desde una dimensión intercultural e inter-epistémica.

Palabras clave: Diálogo intercultural, conocimiento indígena, acción afirmativa, educación superior

La présence d'étudiants autochtones diplômés à la Faculté d'éducation de l'Université fédérale du Rio Grande do Sul: défis et difficultés

RÉSUMÉ

L'objectif de cet article est de réfléchir aux parcours d'étudiants indigènes, Kaingang, Guarani Kubeu et Tukano, dans un programme de troisième cycle, en se basant sur leurs propres lectures, défis et perspectives. Il s'agira également d'analyser la politique de quotas et de permanence pour les étudiants autochtones, ainsi que leurs luttes et leurs réussites, la production de connaissances à partir des savoirs ancestraux, la relation avec les professeurs du programme et la promotion ou non d'un dialogue collectif entre les savoirs scientifiques et les savoirs autochtones. Les réflexions présentées visent à contribuer et à enrichir les expériences du programme de troisième cycle, ainsi qu'à réfléchir sur les obstacles et les défis rencontrés par les chercheurs autochtones au cours de leurs années à l'université, contribuant ainsi à rendre l'université plus ouverte au dialogue inter-épistémique, même s'il génère des conflits. Réfléchir dans cette direction nous semble être une manière productive d'initier le changement, puisque ce qui est recherché dans les programmes et les universités, c'est l'accès et la permanence des autochtones dans le respect et l'honnêteté, afin qu'ils puissent apprendre les uns des autres dans une dimension inter-culturelle et interépistémique..

Mots clés: Dialogue interculturel, savoirs autochtones, action positive, enseignement supérieur

INTRODUÇÃO

Neste artigo, abordo o ingresso dos estudantes indígenas nos espaços das universidades brasileiras, em especial na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/Brasil), nos cursos de Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação. Alguns testemunhos serão dados pelos estudantes indígenas e outros serão coletados das suas referências bibliográficas (Kaingang, Tukano, Kubeu e Guaraní), nas rodas de conversa e na vivência durante o percurso do curso de doutorado e com professoras do programa. O trabalho tem como objetivo contribuir para a compreensão do ingresso dos estudantes indígenas no espaço acadêmico, suas experiências, convivências, desafios e avanços no programa.

O estudo apoiou-se na metodologia colaborativa, resignificando nos fundamentos da reciprocidade e da complementaridade, das trajetórias dos alunos acadêmicos, permeados de dados bibliográficos, bem como o uso do método da oralidade, roda de conversa realizada com membros dos povos indígenas, conectando com diferentes saberes indígenas e com os saberes ocidentais.

A presença dos estudantes indígenas nas diversas universidades brasileiras vem crescendo de forma significativa. Para Luciano, Freitas Luciano (2020), entre 2010 e 2018, foi possível perceber o crescimento das matrículas nas universidades públicas, fenômeno associado às políticas de cotas, tanto nos cursos presenciais como nos cursos da modalidade Ensino a Distância. Na rede privada,

NIKANO

A'to ohâró, Po'terikaharâ bu'ena sahanó ukunó universidades brasileiras ninó, a'tó Universidade Federal Diâ Pahîró Siró (UFRGS/Brasil), a'té bu'esehé mestrado doutorado'ré Programa de Pós-Graduação em Educação. Nî'kârena po'terikaharâ buena ukuú tamonasama ahpé na paperaturi ohâkemenâ (Kaingang, Tukano, Kubeu e Guaraní), ukuúse be'torepi tohó nikâ i'sâ nisétiro neesémênâ na bu'esehé doutorado kaksémênâ programa bu'eogó numiâmênâ. A'to darakaro ki'ó na Poterikarâ buena sahanó ti'o yâ'a tamonasamaa'tó acadêmico nino, i'sâ deró mahsínsé, nisétiro, ierepeasé kena waasé tó programa né.

A'tó buero yâ'a tuú'nopá pahrâ ahposetiró menâ, keorómênâ ukunsé dika yuú'nopá keoró a'mésiosé, ukunsé ahposé keonopâ, acadêmicos buenâ na ahpokê maâni, ohoakê punipi niwanhasé kîhti nisé to'o nikâ pahrâ menâ ukunsé be'toripi weékê poterikaharâ mahsâ keosé a'mé do'o mehêkâ po'terikaharâ mahsisé te'é pehkasahâ mahsisé.

Pehê universidades brasileiras po'terikaharâ bu'ena bahuasé, upîti bikiâro toho nîi werema. Luciano, Freitas Luciano (2020) nima 2010 e 2018 kî'mari, i'yâ pâ niípe'tina universidade matricula bikiakâ, políticas de cotas wero tohó wa'âpâ, na bu'érî tûku bu'eduhísé na yoaropi nî'ki bu'eduisé. Rede privada niísehe, programa de financiamento estudantil (FIES) we'êro bikiapâ. Nîi pe'tiro, 2017

o crescimento é atribuído ao programa como financiamento estudantil (FIES). No âmbito geral, de 2017 para 2018 as matrículas presenciais registraram uma queda de 2,1%, já de 2009 a 2018 houve um crescimento de 24,3%. De todos os grupos da diversidade, do período de 2010 a 2018, os indígenas apresentam o menor percentual de acesso, apesar dos dados registrarem aumento em relação aos anos anteriores. Os cursos presenciais da rede pública, em 2010, registraram o acesso de 0,5% de estudantes indígenas, o que aumentou para 0,9% em 2018. E na rede privada esse número aumentou de 0,4% em 2010 para 0,9% em 2018. Nos cursos EAD, o acesso indígena na rede pública aumentou de 0,4% para 0,6% de 2010 a 2018.

O direito de participar nos espaços e processos de ensino e aprendizagem está previsto na legislação, sendo assim, as políticas educacionais devem levar em conta os pressupostos que orientam a abertura plena do Programa de Pós-Graduação e as condições de igualdade, mas também o respeito às diferenças no sistema de ensino. Sempre levando em consideração o respeito à pluralidade, ao convívio e ao diálogo com e na diversidade.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como as demais universidades, teve que reconhecer outras formas e sistemas de conhecimento que devem ser merecedores de respeito e valorização. Assim, com a presença indígena, a universidade procura estabelecer o diálogo com os estudantes possuidores de outros saberes, culturas, epistemologias

tohó nikā 2018 matricula bu'é duhise biri dihaápā 2,1%, 2009 a 2018 kimari bikiapā tā 24,3%. Na pehê kurari mahsā wa'tero, 2010 a 2018 kimari, po'terikāharā pehéterakā sâhânikapā, ahpehé kî'mari diporó bikiamipā. Rede pública bu'e duhise tûkunipi, 2010, bikiaró yô'opā 0,5% po'terikāharā bu'ena sâhânikapā, 2018 bikiaró nimopā 0,9%. Rede privada bikiaró waá'pā 0,4% 2010 nikā tohó nikā bikianimopā 0,9% 2018. EAD bu'eduisé, po'terikāharā sâhânikaró rede pública na ninó bikiamipā 0,4% bikianinopā 0,6% 2010 a 2018 kîmarí.

Keoró na ninó dihkawaaro tó bu'esé-bu'enosé weése a'topi duhtí wanhā ko'tê, tohotá wero, políticas educacionais na niisé keoró na wakhuno miáa bosama na paänkê Programa de Pós-Graduação werê kahsa bopā toho nikā keoró ni'kâroroho, toho nikā mehêkâ ehô peoró te'é ma'ânímena bu'esé. Nipetiromena wakhuno miáaná na pahanamena ehô peoró, nisétiro toho nikā pahaná mahsā'mena ukunsé wero nisa.

Universidade Federal Diâ Pahiró Siró (UFRGS), ahpeye universidade mena, keoró t'yâ mahsipā ahpeye pehé posetisere te'é pûti ehô peoró toho nikā witisemena. Tohotá, po'terikāharā bahusé, universidade bu'enamena ukunsinina hamama, ahpeye mahsisé kyoná, na nisétisemena, epistemologia (mani diporópi mahsi miatikê) cosmovisão (diporópi tí'ó yā'a miatikê), na Pós-Graduação

e cosmovisões, que ao ingressarem na Pós-graduação fazem parte integrante da comunidade acadêmica. O acolhimento, independentemente de ser indígena ou não indígena, deve ser uma das prioridades, acompanhado pelo direito à moradia e pelo respeito pelas suas visões do mundo. Na vivência dos Tukanos, quando uma pessoa chega à comunidade, como convidado ou não, o líder é comunicado e apresentado aos demais membros, oferecendo a alimentação e a moradia aos visitantes. A reciprocidade é a condição essencial para a qualidade da relação entre os indígenas.

Para Luciano (2013), até algum tempo atrás, os povos indígenas do Brasil acreditavam que a educação escolar era um meio exclusivo de aculturação e havia certa desconfiança e repulsa à escolarização. Mas, diante das necessidades de um mundo cada vez mais globalizado, os indígenas pensam que a educação escolar, quando apropriada e resignificada por eles e direcionada para atender suas necessidades atuais, pode ser um instrumento de fortalecimento de suas culturas, identidades e outras demandas atuais. Assim como pode ser um canal possível de acesso à desejada cidadania plena e plural, entendida como direito de acesso aos bens e valores materiais e imateriais do mundo moderno.

Para Backes (2022), apesar do visível retrocesso nos últimos anos em relação às políticas de acesso de sujeitos não hegemônicos ao ensino superior, especialmente para povos indígenas, na primeira década e meia do século XXI, houve uma

sahánikana acadêmico buena wero nohta nísama. Na buenané potenisé, keoró níisé po'terikāharā na pekasāha wero nohta, a'té anhungo weése níi, kaninómena keoró ba'pāti, toho nikā imikóho kahsé mahsisé ehō peoró. T'sā Dahsea niisehétisehe're, ni'kí mahsī mahkā ehta kārē, biki wiōgi werē nasama kīī pē ahpē nané yō'o same, ba'ahasé o'ókisame toho nikā kīī niatō. Po'terikaharā na dihkawaasé anhungo na mahkani nisétiro nisa, na amení o'ó toho nikā yē'ē weesé na mahkani na toho wekā anhuum.

Luciano (2013) sisé Kimari, Brasil ré Po'terikaharā mahsā pekasāha bu'ese ehō peotipā nanhé mehtā níisā toho weenā bu'esehé 'ré ekatiró manipā tisatipā. Toho wero imikóho dihka yuru mena, po'terikaharā wahkūnpā pekasāha bu'ese, ti'o ya'a wepā tere anhungo mena da'ra mahsikā keoró wa'asehé nisa, toho wero mani yē'ē mena tuhtuatamo weesé nisa a'té nīmī piré. Tohotā mani keoró wekā sahánó nimisa pahanā mahsā mena keosé, diakikase anhuúsé keobosā na mahsā darakaro toho nikā deró weenosé a'té imikóho kahsé.

Kê Backes (2020), té kimari níi ti'osé ñamikata dustisé wapā na política mahsā sahánikano keoro waá tipā buero i'miario, po'terikaharā to'ó wapā, té kimari nimitasé tohó nikā século XXI dehcoré, democratização waápā bueró imiaroré sahánikano, política de ação afirmativa weró. Tohó weró duhkayusé waápā universidade're, kihti ti'okaré pehekasaré piti weétamunopā.

democratização do acesso ao ensino superior, em parte devido às políticas de ação afirmativa. Isso provocou transformações na universidade, que historicamente valoriza apenas a cultura hegemônica. Nesse processo, os movimentos indígenas se destacaram, trazendo seus saberes para a universidade e, também, tornando esse espaço um espaço de luta, valorização e afirmação de suas culturas e identidades.

A Lei de Cotas (12.711/2012) gerou grande avanço e serviu de base para cobrar os direitos, mas também é o caminho para que o estudante indígena possa ingressar na pós-graduação. A “Bolsa de estudo” disponibilizada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da moradia vem sendo fator determinante para a permanência e conclusão do curso no programa. Concorrer a bolsas juntos com outros sujeitos da política como negros, quilombolas e pessoas com deficiências especiais se torna um dos desafios, pela quantidade de estudantes que concorrem às bolsas no programa.

A Portaria 34 da CAPES (2020) alterou os critérios de distribuição das bolsas de mestrado e doutorado, modificando os pisos e tetos de cortes das bolsas. Isso provocou perdas no total de bolsas em programas de pós-graduação das instituições de ensino superior. No seu Art. 8º, fica determinada a revisão dos pisos e dos tetos de redistribuição de bolsas definidas pelas Portarias nº 18, nº 20 e nº 21, de fe-

Duhkayusé wateró, po'terkaharā ukunsé tuhuanikanopā, na mahsísé universidade piré miapā, tohó nikā, to'ó ninó wateró na tuhtuanikano wapā, eheōpeopā tohó nikā po'terikahārā nisetiró iñonsé nipā.

A'tó Lei de Cota (12.711/2012) pahiró bikiāiró to'ó weétamupā keoró waápā seéro nipā, to'ó nisa ma'ā na po'terikaharā bu'esé Pós-Graduação sahanikano. To'ópi nisa “bu'eró Ahuró” Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) ahpero nisa Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), tohó nikā niño, a'tó nisa bu'ena tohakearó wero, tohó nikā to'ó manikane pe'ósomé programa bu'eseheré. Tuhtuaromena bohkasé níí té ahuró bu'se tohó nikā ahpéna mahsāmena weenó na níimá, quilombolas na mahsā duhtí keona wateró topi lerepeáce níisé níí, pahná nima to'ó ahuró programa ia'ná to'ó diosá.

Portaria 34 CAPES (2020), ahuró ehtisé dika yuú nopā mestrados tohó nikā duturu waasé, dika yuú nopā pisos to'ó tetos ahuró kahsé tá'anokê. Tohó bahuriónopā pehê ahuró programa de pós-graduação instituições de ensino superior kasé nipā. Art. 8º a'tó duti'ĩyā poró pisos té tetos ahuró ehti'nosé a'tópĩ dutisé níí Portaria nº 18, nº 20, nº 21 de fevereiro de 2020, pahiró mena keoró'ĩyā poró pós-graduação tohó nikā āyúno té buése kasé behseró nisa. A'tó Portaria bu'iriti 10% diòsere té ahuró níipetiroré pós-graduação

vereiro de 2020, de modo a conferir maior concretude à avaliação da pós-graduação e maior prioridade aos cursos mais bem avaliados. Essa portaria foi responsável pela redução de cerca de 10% no total de bolsas de pós-graduação financiadas pela CAPES. Programas com conceito 3 e 4 foram os prejudicados, com perdas de até 40% das bolsas permanentes. Isso levou a impactos nos programas levando diversas universidades a solicitar a revogação dos mesmos.

O crescente ingresso dos estudantes indígenas no Programa de Pós-Graduação em Educação na UFRGS tem mudado a rotina e tem gerado debate no mundo acadêmico. A partir desses elementos traremos os relatos e as experiências vivenciadas pelos estudantes indígenas, seus desafios e perspectivas.

HISTÓRIA DE PORTO ALEGRE, RIO GRANDE DO SUL/BRASIL

Muito antes da invasão europeia, os indígenas foram os primeiros habitantes do Rio Grande do Sul, sendo divididos em três grupos: Jê, Pampiano e Guaraní. Os Jês, para se protegerem do frio, alguns moravam em casas subterrâneas, sendo expulsos de suas terras com a chegada dos brancos. Em 1882, os Jês foram chamados de caingangues (Kaingang-habitantes do mato). Os Guaraní eram conhecidos como tapes, aranchane e carijó. Eram o grupo mais numeroso da região. Os pampeanos eram grupos formados pelos charruas e minuanos eram menos numerosos; em 1830, foram massacrados por tropas uruguaias e no século XIX

CAPES na o'ósere. Programa 3 e 4 kio'se punó buhriónopã, pehê kuanopã 40% de ahuró tohakia bosé. Te'é wekaresé miã'pã programa tohó weró pehê universidade sêripã to'ó na wee târeke tukué ahapóroré.

Programa de Pós-Graduação em Educação na UFRGS Poterikarã buena sahánikano buhkiã'pã toho wero na bu'esehé mehkã ukunsé waápã tó acadêmico imikoré. A'té ukunsé mena werê kânosa na po'terikaharã bu'ena deró nisétiro na tuutuaseré té nané kumutase nisere.

PEHTÁ EKATÍRÓ KIHTÍ, DIÁ PAHÍRÓ SIRÓ/BRASIL

Europeu na sahti'atô diporã, po'terikāharã na nimi'tāpã Diā Pahiró Siró ditaré, i'tiã kura dika'waānopã: Jê, Pampiano e Guaraní. Jê yisiáséré kumutarā kohpépi wi'f tipã pekāsāha eh'taromena nané coan vinopã na yeé ditaré nikeré, 1882 kima'ré, Jê ni'kaaré caingangues pihsunopã (Kaingng - nikĩ mahsã). Guaraní ti'tã pĩre tapes a'tiró masĩ nopã, aranchane, carijó a'ti kura paharã nikupã. Pampeanos kura nipã charruas, minuanos pehtena nikupã, 1830 kimá, tropas uruguaiana wêhépã nané tohó nika século XIX nané wêhé peopã. Pehtenakã Jê disakarã kurá ni'kaáre Kaingang Guaraní kura

foram dizimados. Os poucos Jês que restaram pertencem ao grupo Kaingang e Guaraní e tentam sobreviver e enfrentam diversas dificuldades, principalmente em relação à demarcação de suas terras. Atualmente os povos indígenas lutam pelas suas terras, pela educação escolar indígena e pelo acesso à universidade.

A importância dos indígenas do Rio Grande do Sul está presente até hoje, através dos costumes mais tradicionais dos gaúchos, como o churrasco e o tomar chimarrão.

A cidade de Porto Alegre foi fundada em 26 de março de 1772, com a criação da Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais, um ano depois alterada para Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre. O povoamento começou em 1752, com a chegada de 60 casais portugueses açorianos, trazidos por meio do *Tratado de Madri* para se instalarem nas Missões, região noroeste do estado, foi entregue ao governo português em troca da Colônia de Sacramento, nas margens do Rio da Prata. A demarcação das áreas demorou e os açorianos permaneceram no então chamado Porto do Viamão, primeira denominação de Porto Alegre.

A partir de 1824, recebeu imigrantes de todo o mundo, em particular alemães, italianos, espanhóis, poloneses, judeus e libaneses. A capital do Rio Grande do Sul é também a capital das Pampas, como é conhecida a região do Brasil e parte da Argentina e do Uruguai. Nessa região nasceu o gaúcho, figura histórica, dotada de bravura e espírito guerreiro, resultado de lendárias batalhas e revoltas por

nima tuhtuaronema kahtima diosasé buhasé nané, pehé basiótiró wateró kahtipā, na yé ditaré keó'se nīi na pītē ame'kēésehe. Nī'kaaré po'terikāharā mahsā na yeé ditaré ukuú a'mekēma, po'terikāharā bu'ri w'íi nīi ahperó tohó nikā universidade sāhāanikano.

Po'terikāharā êhópeosé nīi Diā Pahiró Siró, a'té nimiripē nī'kaár ohopi, na dihpōro kāsé gaúchos masi kahtisé nīi piōba'asé tohó nika chimarrão sī'risé.

Pehtā Ekatī Mahkā paānopā 26 de março de 1772, Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais mahsoó'nopā, nikē kēma beró Nossa Senhora da Madre de Deus de Pehtā Ekatī wamé dikayupā. 1752 tí mahkā nikāpā, 60 portugueses açorianos umukā ditēkarā ehtāpā, *Tratado de Madri* wateró mikatipā missão ninó, tó ninó nimitakaró português viokí'ré viapā Colônia de Sacramento dohkayuro, Rio da Prata suhmuto. Yoakā yuhkuepā keokaróré kotēna na açorianos tohakeapā Pehtā do Viamão wamétikaroré, Pehtā Ekatī nimitakaró wamé nisa.

Nikaró 1824, pekāsāha mahsā nípetiró imikóho niirā ehtāpā, alemães, italianos, poloneses, judeus e libaneses. Diā Pahiró Siró mahkāró tó Pampa mahkā nisa, a'tiro toré i'yā mahsima, região do Brasi toho nikā Argentina tó Uruguai ré. Toho weenā a'toré gaúcho mahsapí, na kiré pihsukē kihti nīi, uitikē níkupí toho nikā a'mē wēhehi, té a'mē kēésé kihti yapátiro toho nikā uasé wateró utamu amekense Reino de Portugal e Espanha nīi tourópi, século

disputas de fronteiras entre os Reinos de Portugal e Espanha, a partir do século XVI. Foi no século XIX que marcou o seu povo, após uma longa guerra por independência contra o Império Português. A chamada Guerra dos Farrapos iniciou-se com um enfrentamento ocorrido na própria capital, nas proximidades da atual ponte da Azenha, no dia 20 de setembro de 1835. Mesmo sufocado, o conflito gravou na história o mito do gaúcho e até hoje é contado em hino, comemorado em desfiles anuais e homenageado com nomes de ruas e parques.

Com o fim da guerra dos Farrapos, a cidade retomou seu desenvolvimento e passou por forte reestruturação urbana no fim do século XIX, movida principalmente pelo rápido crescimento das atividades portuárias e estaleiros. O desenvolvimento foi contínuo ao longo do tempo e a cidade se manteve no centro dos acontecimentos culturais, políticos e sociais do país como terra de grandes escritores, intelectuais, artísticos, políticos e acontecimentos que marcaram a história do Brasil (IBGE, 2022).

Segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população atual da atual Porto Alegre corresponde a 1.332.845 pessoas, com predominância da cor/raça branca (981.251), parda (178.354), preta (168.196), indígena (2.708) sendo minorias e amarelo (2.306) como uma área territorial de 95.977 km² (IBGE, 2022). Atualmente, o Rio Grande do Sul possui oficialmente 4 etnias indígenas presentes no estado: Charrua, Kaingang, Mbyá-Guarani e Xokleng.

XVI ré. Té amekense nino kuapã, século XIX na mahsã keopã, ahpitĩ yoakã amekẽ konhakaró yĩ'ri wehtísínina na duhtiró manipã Império Português ré. Na Guerra do Farrapo wamétiro mahkã níkápä amekense, kahsaá Azenha tíró, 20 de setembro de 1835. Heritoasé nimikã, amekêkê nemopã gaúcho kihti, ní'káapi bahsáhamã desfile níisé kimari toho níkã maãni wamé kupã.

Farrapos amévêkê petiakaberoré, ti marhá bihkeakãpa tó wero piti bikiaró waápã século XIX nika'ré, na portuário e estaleiro darasehé wakhútiro bũhkiã'pã. Tó bũhkiaró yoakã waápã ti mahkã dehkó nipã na yêê mahsínsé mena, ukunsé meniná ti ditã mahsã ninó, pahkarohó ohoaná ditã, mahsipeonã, bahsã meniki, ukunsé meniná tó waá'kê keoró kihti Brasil nipã (IBGE,2022).

Toberó Censo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Pehtã Ekatĩ a'tó ka'ã tero mahsã nipã 1.332.845 mahsã, yĩ'ri ní'kápä bũhtirã duktipã (981.251), yĩí bokorenã (178.354), yĩinã (168.196), po'terikaharã (2.708) na pehêterã mahsã na ewĩ (2.306) toho wero nipã 95.977 km² na ditã nino (IBGE,2022). Ní'kaá, Diã Pahiró Síró kê'ó 4 po'terikaharã mahsã nima toré: Charrua, Kaingang, Mbyá-Guarani e Xokleng.

HISTÓRICO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FACED/UFRGS)

A FACED foi instituída em 1970 como uma nova Unidade de Ensino da UFRGS. Fundada em 1936, a Universidade de Porto Alegre atuava na formação de professores. Primeiro, pela Faculdade de Educação, Ciência e Letras, em 1942, por meio da Faculdade de Filosofia. Em 1972 iniciou-se o curso de Mestrado em Educação, credenciado em 1974, quando foi criada a Biblioteca setorial da FACED. A expansão da Pós-graduação em Educação ocorreu em 1975, com o projeto do Curso de Doutorado. O PPGEDU – Programa de Pós-Graduação em Educação – foi credenciado em 1982 pelo CFE – Conselho Federal de Educação.

Atualmente, a FACED forma professores nos níveis de graduação e Pós-Graduação *stricto* e *lato sensu*; estimula a pesquisa e a publicação científica, bem como a extensão através da promoção de cursos, seminários e simpósios. A FACED tem como princípio construir conhecimento a partir da articulação do ensino, da pesquisa e da extensão, levando em consideração as demandas sociais (Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Faculdade de Educação [FACED/UFRGS], 2025). A UFRGS é a maior polo de pesquisa e pós-graduação do Brasil, sendo 44 de seus 110 Programas de Pós-Graduação avaliados como de excelência e figurando entre os melhores do país. São cerca de 2.960 docentes e de 12 mil discentes matriculados apenas nos cursos *stricto sensu*.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO KIHTÍ (FACED/UFRGS)

1970 nĩ'kaá FACED niká mamá Bueri Wi'í UFRGS pãrĩ, 1936 wi'í darekaró, Universidade de Pehtá Ekatí si'õri wimaná buekiré weétamu. Faculdade de Educação, Ciência e Letras nimi'tá, be'ró, Faculdade de Filosofia 1942 nikupã. 1972 nĩ'ká bu'esehé Mestrado em Educação, 1974 a'tó sahán duhtinó, ti'tá weenó Biblioteca setorial FACED. 1975 wa'á Pós-Graduação em Educação bikiã, projeto de Curso de Doutorado y'ó. Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGEDU kena Conselho Federal de Educação –sahán duhtinó wa'á 1982 mena CEF–Conselho Federal de Educação.

FACED nikano wimaná buekiré weétamu graduação Pós-Graduação *strictu* e *lato sensu* na niseré; anhuno weé hamansékene paperarí ohaséhe, nohó nemosé bu'esehé ma'ã, pahaná mahsá ukuún dihkawaasé pahaná wateróré. FACED nimitano mahsínsemena darasé a'tó nĩ'ká bu'esé anhuno neensé, anhuno hamansé bikiaró, na mahsá hamansé (Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Faculdade de Educação [FACED/UFRGS], 2025). UFRGS nĩí pahiró anhuno hamansé toho niká pós-graduação Brasil kahnó, nĩí 44 to'ó kansé 110 Programa de Pós-Graduação bu'eseheré anhuno behsenopã imiánopã nĩí bu'esehé wiiseri ditá wateró. Nísama 2.960 bueki karã 12.000 *strictu sensu* bu'ena ohoakarã nipã.

LEI DE COTAS (12.711/2012) E POLÍTICA DE AÇÕES AFIRMATIVAS

A Lei nº.12.711/2012, foi sancionado pela então Presidenta Dilma Rousseff que instituiu o programa de reserva de vagas para estudantes egressos de escolas públicas, pretos, pardos, indígenas, quilombolas e pessoas com deficiência, oriundos de famílias com renda inferior a um salário-mínimo e meio per capita, que passaram a ter mais oportunidades de acesso às instituições federais de ensino (Brasil, 2012). Somente em 2016, estudantes com deficiência foram incluídos como público-alvo dessa política.

Em 2022, no Brasil, marcou os 10 anos da Lei de Cotas (Lei n. 12.711/12) que estabeleceu um percentual de reservas de vagas ao grupo historicamente excluído do Ensino Superior: negros, indígenas e pessoas com deficiências, além de estudantes provenientes de escolas públicas. Em 2023 houve a ampliação da Lei de cotas (Lei n. 14.723/23) reservando vagas também para quilombolas, estendendo a política a todos os Programas de Pós-Graduação. Esse fato certamente exigiu e continuará a exigir mudanças internas nos processos de seleção em nível de Pós-Graduação, mas também de reavaliação das disciplinas ofertadas, bibliografias, da forma como fazemos pesquisa, senado assim, não é suficiente garantir a entrada de estudantes, mas é necessário repensar que tipo de formação oferecer e qual representatividade há nesta caminhada de formação (Menezes, *et al.*, 2024).

LEI DE COTAS (12.711/2012) E POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS

Wiokó nigó Dilma Rousseff a'toré Lei nº 12.711/2012 anhuno weé'pô programa pehté ninósé na bu'enané pehé bu'eri wiíseri, yiinā, sahtiró yiinā, po'terikāharā, quilombolas, mahsā duhtí keona, ni'ki pona wahpā tá'a dohká níki wahpa tá'a-kanoáká dehkó yě'ěná per capita, yi'ríró keoró pehé pāāsé sahánikano instituições federais bu'eri wi'íseri. (Brasil, 2012). 2016 nika'ré, buená duhtí keona yi'ríná ninsé soneopā na público-alvo nipā té política kaséree.

2022 ni'ká, Brasil ré, 10 kimař keonopā Lei de Cotas (Lei n. 12.711/12) na kunsé nikáro na kanoáká pehté ninósé disaké na neensé kihti sahán duhtitísé nikupā Bu'esehe t'miáro: yií 'nané, po'terikaharā, mahsā duhtí keonáné, toho niiká bu'ena bu'eri wi'íseri. 2023 nomosé waápā Lei de Cotas (Lei n. 14.723/23) pehté ninósé kena na quilombolas, seonkumpā a política ré nipetima Programa de Pós-Graduação. A'toré keoró duhtipā, duhtí nomorosa popeapi dikayusé warosa bu'esehé beseró nível Pós-Graduação, toho níká ahpaturi bu'eseré i'yá'pornasama na o'ósere, na ohoaké turirí, na deró anhuno hamansé weroro, toho wero, na sahánikano diakĩ mehtá nisa, anhuno ti'ó i'yá pôro wero, yé'énó na bu'eró o'óbosari, nheénó mahsí wiabosari na ma'ā waró keoró paā nokôkane na bu'eseheré (Menezes, *et al.*, 2024).

A Lei de Cotas é fruto da luta dos movimentos negros, mas de outros movimentos sociais pelo acesso ao ensino superior. Ao longo dos anos, eles se uniram a pesquisadores, parlamentares e órgãos de controle para garantir que, no devido tempo, a revisão da Lei de Cotas se efetivasse para aprimorá-la. Em 2023, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a nova Lei de Cotas (Lei nº 14.723) e vejamos algumas das mudanças:

1. No mecanismo de ingresso anterior, o cotista concorria apenas nas vagas destinadas às cotas, mesmo que ele tivesse pontuação suficiente na ampla concorrência. Agora, primeiramente serão observadas as notas pela ampla concorrência e, posteriormente, as reservas de vagas para cotas;
2. Monitoramento anual da Lei e sua avaliação a cada 10 anos;
3. Estabelecimento de prioridade para os cotistas no recebimento do auxílio estudantil;
4. Redução do critério de renda familiar per capita para um salário-mínimo na reserva de vagas de 50% das cotas;
5. Extensão das políticas afirmativas para a pós-graduação;
6. Inclusão dos estudantes quilombolas como beneficiários das cotas;
7. Vagas reservadas em uma subcota que não forem preenchidas serão repassadas para outra subcota e, posteriormente, para as vagas de escola pública (Brasil, 2024).

Lei de Cotas na yĩnā pītī ukuú tuhtuakê nisa, ahpéna mahsā nipā na mena Bu'esehé l' miáró sahánikano. Pehé kimarí beró, na neneepā anhuno hamansé karāmena, anhuno ukuúsé keonamena a'mēsī'opā toho nikā ahpéna wiōnā nipā namena, na yoakā nipā, ahpaturi anhuno nhāporó Lei de Cotas ré. Toho weé'kaberoré, 2023 nī'ká Wioki Luiz Inacio Lula da Silva ma'ma Lei de Cotas (14.723) anhuno weé'pī a'té nipā ná duhkayukê:

1. Tó dihpōro na sahánikano, buena cotista na dia'kēpīré sahāpā, kī anhuno kiomitakaró pahákasé nimikā weé tipī. Nimitakaró nhānasama ná nheênkêré peró'pī na disakēpī'ré nhānasama;
2. Keoró ī'yā'nasama tó Lei ré toho nikā 10 kimarí beropiré nhāpohnasama;
3. Kī buese'pā weé tamonasama bu'esehé ahpayesé mena;
4. Nī'kī porā dionasamā na wahpatasé per capita nī'kā wahpa tá'a-keonamena na ninoséré 50% nané disaró;
5. Pós-Graduação piré ehtarósa política afirmativa na heonsé;
6. Bu'ena quilombola sahánikanasama cota kahsé nheenasama;
7. Té disaké re subcota pī kunasamā na bía'tikané ahpé subcota kunasama, beró piré, bu'eri wi'iseri pahaná niseré kunasama (Brasil, 2024).

Professora Gladis Kaecher (2020, p.23) assim diz sobre Cotas:

Pensada como uma conquista dos movimentos sociais, em especial dos movimentos negro e indígena, as complexas e demoradas discussões sobre a adoção da reserva de vagas na Graduação, aqui na UFRGS, expôs as feridas advindas das tentativas de resistência que a branquitude levou a termo, durante as deliberações sobre o “se”, “quando” e o “como” as Ações Afirmativas seriam implementadas.

Explicitou, ainda, o quanto a questão racial era secundarizada dentro da Universidade:

representatividade negra ou indígena, dentro da UFRGS é, no mais das vezes, um discurso vazio, sem materialidade, visível na composição de todos os quadros diretivos e decisórios da Universidade e na constrangedora ausência de outra racialidade que não a branca, por sucessivas gestões ao longo das décadas”.

Os povos Kaingang, Guarani, Xokleng, Tukano, Kubeo e outros povos do Brasil, não circulavam nesse novo espaço e território chamado UFRGS, mas os espíritos de nossos ancestrais já circulavam preparando para chegada dos guerreiros(as), preparando o espírito, o corpo e mente, principalmente das futuras professoras/es para poder recepciona-los nesse território dominados pelos brancos, não para guerra, mas para um diálogo intercultural, partilhar nossas narrativas, as ciências e filosofias, as cosmovisões e saberes ancestrais.

Buekó Gladis Kaecher (2020, p.23) a'titō nipō cota kahseré:

Na mahsā pītī ukunkê movimento social tuú tuapā, na yīinā toho nikā po'terikāharā pītī ukutamupā té vaga nenosé graduação ka 'se, a'tō UFRGS, té kamini na pekāsāha b̃h̃tīrā na weésinitikē duú'sonotikē teré miapā ukunopā “a'tō”, “deronikā”, “weroro” Ações Afirmativas deró nikā kunoboparí.

Duhtinopā, we'éré nopā, pehé kimarí té kahsé utamú-amekēnopā universidade popeapi:

dikena yīnā po'terikahrā nimitamparí, UFRGS popeapi, toho nikā na po'terikaharā ukutamunā manipā, tohó wek'ne pehkasāha diaki universidade pehé kimari d̃h̃tī'kunhapā anhuúsēpi darasé keopā ahpēna mahsā manikupā pehkasāha diakī nikupā ahpēna mahsā kuú tipā to'ó weēna na poo'tēóro pehekimaro yo'kā darakunpā.

Po'terikaharā mahsā Kaingang, Guarani, Xokleng, Tukano, Kubeo hapēna mahsā Brasil ninā, sihá tikupā a'tō ninó mamá ditā na UFRGS niatore, toho nikā ʔsā pahkisiṁĩā héripona sihá'kupā ʔsāné ehtatō ahpópā kotepá, toho nikā na boegó numiā na héripona ehtá'toré ahpópā, na ɥhp̃ na wahkunsé niatéré na numiā ihsané kotepá na pekāsāha tuhtuaro wateró, wēhesé manipā, ʔsā pahanamēna ukuunó, ʔsā kihti dihkawateré, ʔsā biki'nā yē'ē mahsinsé, ti'ó ʔyā wahkunsé toho nikā ʔsā nhēkisiṁũā mahsisé.

As Ações Afirmativas nos programas de pós-graduação *stricto sensu* vêm sendo foco de atenção no Brasil, nas últimas décadas, e são responsáveis pelo ingresso crescente de setores historicamente excluídos das universidades, como negros/as, indígenas, quilombolas, pessoas surdas e com deficiências, pessoas travestis e transexuais e refugiados, incluindo outros sujeitos nesta política. São ações que decorrem de lutas históricas destes setores que, entre outras justas reivindicações, apontam o ingresso no ensino superior e a participação em espaços de produção de conhecimentos (Ribeiro & Bergamaschi, 2022). São movimentos que contribuíram para a excelência acadêmica pautada pela diversidade, abrindo o caminho para práticas interculturais e descolonizadoras. O primeiro movimento das ações afirmativas foi do Programa de Bolsas da Fundação Ford (IFP), que implementou bolsas de mestrado e de doutorado para pessoas de cor/raça preta, parda e indígena entre os anos de 2001 e 2012.

Com a Portaria do MEC nº 1.076/2014, foi instituído um Grupo de Trabalho com o objetivo de criar condições concretas e fomentar o ingresso desses setores nos programas de pós-graduação, GT desmantelado com as mudanças políticas ocorridas no país a partir de 2016 (golpe e destituição da presidenta Dilma Rousseff). Outra medida governamental foi a publicação da Portaria Normativa Nº 13, de 11 de maio de 2016, do Ministério da Educação, que dispõe sobre a indução de Ações Afirmativas na Pós-Graduação e assim determina no seu Art. 1º:

Ações Afirmativas ti programa de pós-graduação *stricto sensu*, piti Brasil a'té kimari anhungo t'yānó, sirotukansé kimari té bu'fritiró na sahánikano bikiā'aró na kihti mahsā Saha duhtitísé wero universidades na yīinā, po'terikaharā, sahtiró yīinā, tiotína mahsā e duhtítina mahsā, mehkā mahsā ninā, dutíkatikana, ahpéna nikotena mahsā sāhanikāpā. Te'é nisa na mahsā piti ukunsé kihti na wionané senitamukê, tó bu'esehe t'miáró sāhanikāpā toho weenā tó ninó mahsiseré winópā (Ribeiro & Bergamaschi, 2022). Na mahsā anhungo weétamupā academia na mahsā pahanā wateró, ma'ā paānkê darapā pahanā mahsisé keona mena na pekāsāha duúporopā mitikê. Ações Afirmativas nimítakaró Programa da Fundação Ford (IFP) nikupā, ahuro dihkawaró níimipā mestrado té doutorado kahsé na mahsā deró buhúse yīinā, yīi'bokoréna, po'terikaharā, 2001 e 2012 té kimari na nhekupā.

Portaria MEC nº 1.076/2014, mahsā gurá darapā na keoró waasé wepā programa de pós-graduação sahánikano anhungo darapā, GT na política dihkayukāro mena keoró watipā 2016 kimá nikare (Dilma Rousseff wiogó mipā). Toho nikare Wioki ahpéro Portaria Normativa Weé'pi nº 13, de 11 de maio de 2016, Ministério da Educação karó, tó piré weré wānhampā Ações afirmativas na Pós-Graduação, toho wero atiro duhtipā to'ó Art. 1º:

As Instituições Federais de Ensino Superior, no âmbito de sua autonomia e observados os princípios de mérito inerente ao desenvolvimento científico, tecnológico e de inovação, terão prazo de noventa dias para apresentar proposta sobre inclusão de negros (pretos e pardos), indígenas e pessoas com deficiência em seus programas de pós-graduação (mestrado, mestrado profissional e doutorado) como Política de Ações Afirmativas. (Brasil, 2016)

As instituições deveriam constituir comissões locais para instituir e acompanhar tais ações, movimento que a Universidade Federal do Rio Grande do Sul vai implementar no início de 2022 (Ribeiro, Bergamaschi, 2022). Onze Universidades públicas adotaram ações em todos os cursos de pós-graduação: Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Bahia (UFBA), Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade Federal de Tocantins (UFT), Universidade Federal de Pelotas (UFPe), Universidade federal do Piauí (UFPI), Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) (Venturini, 2018).

Contudo, há movimento mais individualizado de Programas de Pós-Graduação (PPGs) e, na UFRGS, observa-se a implementação de ações afirmativas desde o ano de 2016, em programas pioneiros, como Antropologia Social, História, Sociologia, Educação, Administração,

A'té Instituições de Ensino Superior, na duhtiró toho nikā na yāsé dī'pōkāti seré amedókē anahunó waasé, keoró weenosé te dihkayusé, noventa imikó keo'nasama kioró tī'ó yā'asehe tohó nikā soneonsé nisa na yī'kī, po'terikāki na mahsā duhtise kionā programa de Pós-Graduação (mestrado, mestrado profissional tó doutorado) Ações Afirmativas piré nisa. (Brasil, 2016)

A'té instituições keobosá mahsā Kura nino weseré na bapátiro sí'óri weebopa, sahsané universidade Federal Diá Pahiró Siro, 2022 ni'kāpi daranikāpā (Ribeiro, Bergamaschi, 2022). Toho wero 11 universidades mahsā yē'ē wepā teré nīpetiró bu'esehe pós-graduação: Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Bahia (UFBA), Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade Federal de Tocantins (UFT), Universidade Federal de Pelotas (UFPe), Universidade federal do Piauí (UFPI), Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) (Venturini, 2018).

Toho nikā, nā bahsī darapā Programa tó Programa de Pós-Graduação (PPGs) toho nikā UFRGS, ī'yānōpā na kunkane Ações Afirmativas 2016 nikā pī, programa imitakē nisa Antropologia Social, História, Sociologia, Educação, Administração, ahpé yē'ēnā nīi'kotepā,

entre outros, configurando já um elenco de 32 PPGs com alguma ação afirmativa (Ribeiro & Bergamaschi, 2022).

Ribeiro e Bergamaschi (2022) enfatizam que as ações afirmativas no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU/UFRGS), instituídas no ano de 2016, instituíram uma Comissão de professores e alunos/as para elaboração de uma proposta, resultando na Resolução que instituiu o sistema de reserva de vagas. Diz a resolução que:

Do número total de vagas definido para cada processo seletivo, fixado no respectivo edital de seleção para os cursos de Mestrado e Doutorado, no mínimo 30% (trinta por cento) em cada curso [DO e ME] serão reservados para candidatas autodeclaradas/os negras/os, indígenas, quilombolas, pessoas com deficiências e pessoas travestis e transexuais. (PPGEDU, Res. 01/2016, Art. 1º)

Em 2023, o processo seletivo no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para mestrado e doutorado, a lembrar foi o primeiro processo seletivo rígido por Resolução 015/2023-CONSUN/UFRGS, institui Ações Afirmativa no âmbito de todos os programas de pós-graduação e portanto, o PPGEDU, além de oferecer no mínimo 30% das vagas para Negros/as, Quilombolas, Indígenas, Surdos, Travesti/transexuais, pessoas com deficiências, inclui pessoas refugiadas ou com visto humanitário e imigrantes (estrangeiros) em situação de vulnerabilidade social.

Serão apresentados neste estudo os dados dos processos seletivos (2017-2023),

toho wero nípetiró 32 PPGs nipā nikané Ações Afirmativas kiopā (Ribeiro & Bergamaschi, 2022).

Ribeiro e Bergamaschi werema (2022), Ações Afirmativas tí Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU/UFRGS), 2016 nĩ'kãpā, buegĩ kuramena toho nikā bu'enamena darakupā teré weená, na daraka beró viapā nikā Resolução sistema de reserva de vaga. A'tiro nĩ 'wānhampā a'tó Resolução:

Dikésé nane kunkê tó edital ré na ã'yā bese a'té tó pĩré nĩ wānhāsá dikese na weése bu'esehe mestrado té doutorado na nisé, tohó wero pehête niró 30% nibosa té bu'esehe [DO e ME] a'naném weró níisa yĩ'na, po'teríkāharā, yĩ bokorena, duhti keoná na mehkā níiná mahsā'né. (PPGEDU, Res.01/2016. Art.1º)

2023 nĩ'pā, na ã'yā behsea'té Programa de Pós-Graduação em Educação tó Universidade Federal Diá Pahiró Siró te'e mestrado té douotorado weé a'toré, waāku bosa tó imitaro ã'yā beseró diasaró nĩ 'pā Resolução 015/2023-CONSUN/UFRGS, Ações Afirmativas to'ópĩ duhtipā nĩ petise Programa de pós-graduação, toho wero, PPEGEDU, topiré kũpā pehête vaga nĩ'pā 30% na kuũkaró nĩ pā na yĩinané, sahtiró yĩinā, po'terikaharā, tiotína, mehkā nífsetirā, duhtisé keona, dutíkatikana mahsā ahpé yě'ē ditā a'tikana wepā.

A'toré yōnasā na dikēna ã'yā beseró wekē (2017-2023) té kimari na sahananaré oosé té bu'esehé kasé

possibilitando uma visão comparativa dos ingressantes nos cursos de mestrado e doutorado (Relatório AAF PPGEDU/UFRGS, 2023), sendo analisados especificamente os indígenas. As informações foram obtidas por rodas de conversa, diálogos interculturais, produções bibliográficas dos participantes e vivências na FACED.

Quadro 1 traz informações de 2017 a 2023 com disponibilidade de reservas de vagas do PPGEDU/UFRGS e número de candidatos. Percebe-se que o número de selecionados, em todos os anos, não preenche as reservas de vagas ofertadas. Para os cotistas indígenas pode estar relacionado aos fatores da dificuldade de

mestrado té doutorado (Relatório AAF PPGEDU/UFRGS, 2023), a'tó piré ti'ó yā nasá po'terikāharā diahkine na irikê. Te'é werekê be'tópi ti'ó noó, pahará mahsā mena ukusé, po'terikāharā paperaturi ohākê mena tó nikā deró nisetikaró na FACED bu'ekase.

O quadro 1 kihti weresé miti'í a'té kimarí 2017 a 2023 kunseré mena dikêse vaga oósé nisa PPGEDU/UFRGS dikena mahsā weékanane. Toho piré řyānó dikena mahsā besekana, nípetiró kima, dikêse ninosé mumu tisā na o'ósé. Na cotista po'terikaharā pehê diosasé kuma a'té a edital sāhā nhasé, internet, pré-projeto wero,

Quadro 1. Vagas, candidatos/as e selecionados/as por ano em Doutorado (DO)				
Ano	Vagas totais DO	Vagas reservadas DO	Candidatos vagas reservadas DO	Selecionados vagas reservadas DO
2017	35	11	16	05
2918	52	17	24	06
2019	51	18	31	08
2020	48	19	24	10
2021	65	24	45	15*
2022	35	16	20	11
2023	50	21	33	12
Total de classificação para vagas de DO				18

Fonte: Tabela produzida pela profa. Bergamaschi a partir dos dados sistematizados – Pesquisa Ações Afirmativas. PPGEDU/UFRGS.

* Um classificado DO indígena não fez a matrícula, abrindo vagas para candidatos da ampla concorrência.

Quadro 2. Ingresso efetivo/as por setores sociais de direito de 2017-2023			
Autodeclarados/As	Doutorado	Mestrado	Total
Negros/as	51	112	163
Indígenas	05	09	12*
Quilombolas	02	05	07
Travesti/Trans	01	08	09
PcD /Surdos/as	08	12	20
TOTAL	67	146	211

Fonte: Produzida pela profa. Bergamaschi a partir dos dados sistematizados – Pesquisa ações afirmativas. PPGEDU/UFRGS.

*Dois selecionados não efetivaram a matrícula (mestrado em 2019; doutorado em 2021)

acesso ao edital, à internet, à elaboração de pré-projeto, ao memorial, ao preenchimento do currículo Lattes, etc.

O quadro 2 traz informações específicas dos autodeclarados indígenas, que são 5 (cinco) no doutorado, sendo que 1 (um) não se matriculou e ficam 4 (quatro) serão descritos aqui: 2018 - Susana André do povo Kaingang; 2019 - Isael Pinheiro do povo Guarani; 2022 - Osmar Cordeiro do povo Tukano e Raquel de Cassia do povo Kubeo.

Os dados sistematizados demonstram o ingresso efetivo dos negros em relação aos indígenas nos dois cursos, podendo estar relacionado à presença expressiva de docentes negros na universidade. Por outro lado, a questão de cotas para a maioria da sociedade brasileira soa como incapacidade dos indígenas, mas percebo a cota como uma obrigação, uma dívida social e um dever que o Estado brasileiro tem para com os povos originários e não como

mahsinsemena nisé, currículo lattes keoró ohoatisé, pehé nisa.
O quadro 2, po'terikāharā kihti werenosa, 05 (ni'kāmūāse) nísama duturo weéná, 01 (niki) keoró ohoatipí toho wero 04 (ba'pāritisé) tohápā a'tó werenosa: 2018 - Susana André Kaingang Mahsó; 2019 - Isael Pinheiro Guarani mahsí; 2022 - Osmar Cordeiro Ye'pá mahsí toho nikā Raquel de Cassia Kubeo Mahsó.
Kihti weresé yon na keoró sahanicano na yīinā upīti sahápā po'terikaharā yī'rīoró tó piā bu'eroré, toho wero na universidade bueki yīinā pahanā nii 'kupā. Toho nikā, cotas niseré pahanā brasileiro mahsā mani po'terikāharā mahsītima nísama toho ī'yāma mani né, cota yī'ī t'íó ya'ākapema keoró níi, keoró pema mani yé'ē nisa, estado brasileiro mani né pīti ahpamuū toho wero mani nané sériwe. Té cota mani pīti ukuū amekēkē nisa na pekāsāha

um favor. A cota do direito de lutar pela igualdade, por que não se tem a mesma oportunidade que os brancos.

Delimitar o território da UFRGS, torna-se mais plural, mesmo sendo a minoria, a presença não só traz novos desafios aos docentes e para o programa, como o novo ciclo de abordagem a partir de diálogos interculturais, roda de conversa, da nova ciência e filosofia, com o modo de ser, pensar e fazer a pesquisa de cada povo, sendo ator da pesquisas. Por ora, as produções enfrentam desafios específicos no mercado editorial (acesso à oportunidade, visibilidade e preconceito) e na sociedade em geral, incomodando também os membros da academia.

No sentido de desenvolver uma pesquisa com enfoque sobre a presença indígena na universidade e questões ligadas também as características intrínsecas desses grupos, bem como buscando romper com olhar acadêmico puramente euro-centrado e ecoar vozes outrora brutalmente silenciadas, foram propostas referenciais de pesquisadores indígenas a cerca da temática proposta com preocupação crítica na incorporação de suas narrativas enquanto protagonista e investigadores de sua própria vivência. Para a socióloga Maori Smith (2018), essa é uma atitude necessária em pesquisa dessa natureza, uma vez que o mundo indígena não deve ser somente teorizado pela sociedade não indígena, e sim retratado a partir de um trabalho de produção conjunta.

Para tanto, utilizo o estudo da Alcida Ramos (2023) para finalizar um assunto que muitas vezes aparece como um fantasma em rodas de conversas desprentenciosas

weronota nĩ manina weetamuno
diakê ko'tê na pekâsâha weetamuno
tanoma ná.

UFRGS ditá ré keonukũ nó, pahaná
mahsã niató nina, pehtenakã niminá'tá,
ĩsã sãhanomena mamá diosasé buú'a ná
bueki tó programa ninané, toho weka'né
mamá nisé buá na pahanamena ukunsé,
mama mahsisé, wahkunsé, ĩsã nisetiro,
ti'ó ĩyãno tó anhungo hamansé na
mahsã keosé mena, nanta weenasamá,
ni'kãoãkã teré ĩ'yã'tima, tohó nikã na
roasé diosaró nií ohopi na mercado
editorial na ninó (sahãnikãka wetamunó,
yã'kotesé tohó nikã heompeotisé) tohó
nikã niĩpetina mahsã, academia niná
mahsã tisatima ohopi.

Anhungo hamansé weé'kansé na
po'terikaharã universidade popeápi
niĩnane tohó nika na mahsã deró
nisetiró, acadêmico iãnsé euro-
centrado peosé hamanó tohó nikã na
ukunsé akã'keõ'ró na yã'aró ukunsé
biapã, po'terikaharã anhungo hamansé
referências nané opã na utamuaté nané
puno tuti behsesé na ti'o yã'anó cumpã
naá yé kihtĩ ukunsé mena anhungo
weésé tohó nikã na nisetiro kahtiroré
hamá ukunasamá ohoanasama téré.
A'tó socióloga maori Linda Tuhiway
Smith (2018) nimó, anhungo hamansé
keoró niateré tohó tá weénobosá,
po'terikaharã imikohó na mahsisé keosé
na po'terikaharã mahsã mena niĩtibosã,
na mahsisé yã'minobopã pahaná mena
dará ohoasé nisá.

Alcida Ramos (2023) koô bu'ekaro ukuú
pe'tiró mena buhuáse na mahsã ukuno
ke'oró buhatisa acadêmico watéro, tó
wiharopi nané: dioporóhãhase ukuse na

no meio acadêmico, e fora dele: o antigo debate sobre o que é visto como uma produção científica. Em um de seus artigos, Ramos argumenta que, mesmo passado tanto tempo, ainda nos dias de hoje, os indígenas brasileiros ocupam um grande lugar no imaginário do país. Um lugar que abarca imagem, estereótipos, fantasias e, acima de tudo, amor e ódio. Entretanto, os próprios indígenas vêm rompendo com essa lógica, ainda que amados por uns e odiados por outros, e aqui não é preciso esmiuçar os motivos do desprezo.

Ramos (2023) enfatiza ainda que a ciência tem sido sistematicamente negada aos indígenas quando seus conhecimentos são classificados como ciências do concreto ou cosmologias, termos comumente utilizados por antropólogos não indígenas.

O quadro 3 indica a caminhada de cada parente (irmãos) do povo Kaingang, Guarani, Tukano e Kubeo. O mateiro da

ti'ó ya'á karó té produção científica nií sere. Koô niika noakâ ohâkê senitianópâ tohó na diporaokahsepi niikaró, tohó'ta nií niikâ imikó nané, po'terikâharâ brasileiros kiïoro pahiró nino nisa na ti'osé. Tohó nií'karoré ka'mô ta'a a'tiro ti'ó yá'ama, yá'áro pihise, kē'êró we'ronó, tohó nikâ buipe niró, ameni maisé uâse mena niró. Tohó wero, na po'terikâharâ basi nií'kâ wa'aka, tôho na ahpena si'ori maimá ahpena uâsemena ya'âma a'tore werewé tere.

Ramos (2023) a'tiró werémo a'té masisé ti'í maäre po'terikâharâné kumutanopâ derónika na keoró pihinosari te'é masísere tohó nikâ dipórokarâ pihinopâ te'é imikoho kase masísere, antropólogos po'terikâharâ tohó pihisupâ.

A'tó quadro buí ninó, mani ahka werena na ma'âni wepâ Kaingang mahsâ, Guarani, Tukano toho nikâ

Quadro 3. Estudantes indígenas de doutorado selecionados entre 2015 e 2023 do PPGEDU/UFRGS					
Ano		Estudante	Povo	Linha de pesquisa	Bolsista
Início	Conclusão				
2016	2020	Bruno Ferreira	Kaingang	Educação, Cultura e Humanidade	CNPq
2018	2023	Susana Andréa Inácio Belfort	Kaingang	Educação, Cultura e Humanidade	CAPES
2019	2024	Isael da Silva Pinheiro	Guarani	Educação, Cultura e Humanidade	CNPq
2022	Ativo	Osmar Cordeiro da Silva	Tukano	Educação, Cultura e Humanidade	CAPES
2022	Ativo	Raquel de Cassia Rodrigues	Kubeo	Educação Especial, Saúde e processo	CAPES
2023	Ativo	Angélica Domingos	Kaingang	Educação, Cultura e Humanidade	-

Fonte: Produção do autor, 2025. Produzido a partir dos Editais, relatórios e de vivência no PPEGEDU.

primeira jornada ou do nosso caminhar foi o Bruno Kaingang com chegada no novo território da UFRGS, em 2012 para cursar mestrado, em 2016 para cursar doutorado e em 2023 para consolidar definitivamente o território da FAGED como professor.

O quadro 4 demonstra as obras produzidas pelos estudantes indígenas que emergem dentro do PPGEDU, do que chamo de vozes interculturais, trazendo seus modos próprios de expressar o que nem sempre é visto, porém vivenciado. São expressões que trazem as dores e tristezas, mas também a riqueza de saberes que os povos indígenas vivem. São saberes que foram

Kubeo. Na ma'ã weé imitakê Bruno Kaingang nĩ'pĩ UFRGS ditã ehta imitakê, 2012 ni'kãapi mestrado bu'eseherê, 2016 ni'kã doutorado bu'eseherê toho nikã 2023 FAGED ditaré kĩ tohákia waroapĩ bueki nisétiro mena tohapĩ.

A'tó quadro 4, PPGEDU yon na popeapi po'terikaharã buena na darekê, pahaná uroré yĩ'tó pihĩ, na yě'ě ukuse diakê na mií'ká'tikê mena toho nikã teré i'yãnoô manipã, tũrikã kahtiro mena weesé nĩ. A'té ukuse mií'ká'tikê pũrisehé té bia'wertise mena, toho wero na po'terikaharã mahsã mahsisé mena kahátise'pehé keonó. Mani mahsiseré

Quadro 4. Produções acadêmicas no PPGEDU			
Ativos/ Egressos	Produções Dissertações/Tese		Universidade
Bruno Ferreira	Dissertação	Educação Kaingang: Processos próprio de aprendizagem e processo escolar	UFRGS
	Tese	Ũn SI AG TŨ PÊ KI VĚNH KAJRĀNRĀN FĀ- o papel da escola nas comunidades Kaingang	UFRGS
Susana André Inácio Belfort	Dissertação	Políticas Educacionais dos povos indígenas no Brasil: Interculturalidade e seus desafios na Educação Escolar Indígena.	UFFS
	Tese	Tra(n)çando Caminhos: A História de vida de Andila Kaingang.	UFRGS
Isael da Sila Pinheiro	Dissertação	Etnografia Guarani e a educação escolar indígena no contexto da globalização	UEM
	Tese	Arandú: a pedagogia Guarani de belas palavras:	UFRGS
Osmar cordeiro da Silva	Dissertação	Educação Ambiental em espaço escolar multicultural em são Gabriel da Cachoeira, AM	UFAM
	Projeto tese	Ukuse Me'na Were Turiosé Taracué Mahká Ye'pá Mahsã Bueri wi'i/a transmissão oral na escola Tukano da comunidade de Taracué	UFRGS
Raquel de Cassia Rodrigues	Dissertação	Kubai, o encanto: a literatura infantil em foco/ Kubai Poterikarã vimará boesé.	UFRGS
	Projeto tese	Literatura Infantil: acesso a todas crianças	UFRGS
Anjelica Domingos	Dissertação	Entre Território e Territorialização ameríndias: a violação dos direitos indígenas no sul do Brasil.	UFRGS
	Projeto tese	Em construção ...	UFRGS

Fonte: Produção autoral, 2025.

negados, silenciados, apagados, mas que carregam a força da ancestralidade, da existência e das resistências históricas. Como estudante indígena, pensar educação, hoje, é pensar na qualidade de vida, na territorialidade, na reciprocidade, na cosmovisão, nas epistemologias, no bem-viver com a natureza e no desenvolvimento sustentável.

A ciência indígena está aberta para o diálogo dentro do mundo acadêmico; a ciência ocidental, que era fechada, está se aproximando e dialogando com a sabedoria indígena, tornando-se muito importante. Isso permite conhecer um pouco do que os brancos pensam sobre os indígenas e ajuda a compreender as diferentes racionalidades e modos de vida. A produção indígena está voltada para a realidade e a necessidade, provoca abertura de roda de conversa e a escrita contém palavra na expressão de cada povo e pedagogia própria de ensino.

Em dezembro de 2020, a FAGED diplomou o primeiro doutor de origem indígena em seus 86 anos de história. Bruno Kaingang defendeu a Tese “ÜN SI AG TÛ PÊ KI VËNH KAJRÄNRÄN FÄ – O papel da escola nas comunidades Kaingang”, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação (Jornal da Universidade/UFRGS/2020).

Em 2023, Dr. Bruno Kaingang, foi aprovado com Rosani de Fátima Fernandes do mesmo povo, no Concurso Público Docente para área Educação e Relações Étnico-Raciais – Subárea: Educação Escolar Indígena e foi empossado em 27/05/2024, como primeiro professor indígena da UFRGS, assim afirma: “Eu represento outros saberes, outros conhecimentos e outras

kamutapã, tuu keonopã, toho niiminó mani dī'pokā kahsé mena keona tuktuanośa, mani nī kāk̄tise mena té mani pītī kihti tuhtuakê. Mani po'terikaharā buenané bu'esé wahakuseré, nī'kā, mani anhungo nisetiroré wahkuno, mani yēē ditaré, a'mēri dihkawaasé, mani imikóho tī'ó'yā'anó, bu'esé mahsínsé, anhungo mena imikóho kahtiro té bikia tunheénsé.

Po'terikaharā mahsínsé, tó imikóho acadêmico mani ukuúsé pāri nī'kā, biakaró nī pā na pekāsāha mahsínsé, nī'kaaré mani tīró nī tena toho wero mani po'terikaharā mahsisémena uúkü, maniné tehé'ta anhuum. Té mena mani sahatiró mena na pekāsāha mani po'terikaharā tī'ó yāsari maniné na deró nisétiseré mehêkā tī'ó ŷyā sehénó mani deró kahtiro. Po'terikaharā na ohoaké na deró nisétiseré nīf toho nikā na ŷyā seré, tó piré ukunsé pahaná wateró ierepeasé toho weéro ná mahsā na urómena ohoáma na mahsisémena.

Dezembro 2020 kimá, FAGED, diplomapã po'teriki duturu nimitanki 86 kima beró kihti nī. Bruno Kaingang niipi kē Tese mena “ÜN SI AG TÛ PÊ KI VËNH KAJRÄNRÄN FÄ – Kaingang mahkäré bu'eri wi'í daráro”, to'ó Programa de Pós-Graduação em Educação (Jornal da Universidade/UFRGS/2022).

2023 nī kane, Dr. Bruno Kaingang, Rosani de Fátima Fernandes mena yī'rf pā mehātá mahsā niipó kona, Concurso Público wepā toho Educação e Relação Etnico-Raciais – toho diaró: Po'terikaharā Bu'eri Wi'í, 27/05/2024 dará niikanpí, po'teriké bu'eké nimitanké UFRGS, a'tiro niipi: “Yī'f ahpeye mahsiseré ukuŷ tuhtua, ahpé

epistemologias que trago do meu povo. Os indígenas se alegram com nossa estadia na UFRGS" (ASSUFRGS,2024).

PERCURSOS DOS ESTUDANTES INDÍGENA DO PPGEDU/UFRGS

Para esse momento, trago os relatos e caminhos que os conduziram para suas chegadas à Faculdade de Educação, a partir de suas produções de tese e vivências no dia a dia no programa e externamente, durante a estadia na UFRGS.

Osmar Tukano

Yupuri¹, pertencente ao povo Ye'pá Mahsā (denominado Tukano) da comunidade de Taracua do baixo Rio Uaupés, no Território Indígena do Alto Rio Negro, em São Gabriel da Cachoeira (AM) na fronteira do Brasil com a Colômbia. Quando criança, tive meu próprio modo de aprendizagem, em que aprendi a caçar, pescar, nadar, mergulhar, flechar, remar e equilibrar na canoa, sendo a primeira educação tukano que carregou na minha caminhada. Com *velhos sábios*, pais e tios, escutava as narrativas orais, tradições culturais, epistemologias e cosmologias, a convivência com a natureza e com encantados, onde aprendi a respeitá-los. As sabedorias ancestrais foram e são importantes para nossa existência e resistência que perpassam para cada geração.

Em 1978, cursar doutorado era um sonho impossível, mas meu avô Filindro era um grande visionário, certa vez disse: "Netinho, você não vai ser como nós, vai ser um doutor e não vai ficar neste lugar. Cuide bem dele". Meu avô, como meu pai, era grande protetor, curador que nós chamamos de

mahsínsé yí'f mahsā yē'è mahsínsé keó. Po'terikaharā ekatima yí'f a'tó UFRGS toharo'mena" (ASSUFRGS,2024).

PO'TERIKAHARĀ BU'ENA MA'Ā PPGEDU/UFRGS

A'toré, werekisá na ma'ā keoró Faculdade de Educação ehta sehêré, na Tese dará ohoákêmena weére kisá deró programa niseti karomena deró kartikaró UFRGS nikāró.

Osmar Tukano

Yupuri, Ye'pá Mahsā (Tukano niina) nii yí'f Taracua mahkā Uaupés Diá Siró, Po'terikaharā ditá Alto Rio Negro, São Gabriel da Cachoeira (AM) Brasil tó Colômbia ditá nĩ tuoró pê. Yí'f vimākē nĩkápĩ ĩ'sā bu'esé mahsí tó piré waikēna wēhesé, wai'wehesé, ba'asé, ohó'minisé, bi'áro, waháro, yukisi anhuño ehrs nuhua weéro, a'té nĩsā nimitāsā Tukano bu'eró teré ki'ó yí'f sihā'ropi. Biki'ná mahsipeorā me'rá, pahkisimí'ā na metikarā me'rá kihti tiopā, ĩ'sā dihpōro nisé kiosé, ĩ'sā mahsí katise, té ĩ'sā deró imikóho ti'ó ĩ'yā nó, ĩ'sā deró nikiri me'rá nisétiro té nikiri mahsā mera, topi re yí'f piti heompeokatí. A'té ĩ'sā dí'pokā mahsisé ĩ'saré piti heopeopā dihpōropi ni'kāa nané ĩ'sā deró nĩsé kahtiro na ahpéna a'tinápi kionasama té mahsiseré.

1978 nikapiré, té duturo weése diosānipā, yí'f nheeki Filindro anhuño 'ti'ó í ya'ā kupí, nikāti ukuuvi: "panamĩ mi'f ĩ'sā veró nisomé, duturo nisá a'ti mahkārē nisomé. Anhuño i'yā niro yā". Yí'f nheeki yí'f pahkimena pahanā tuú

rezador, interpretava que um dia iria ser um deles, jamais saiu da minha mente.

Do meu estudo nada é para mim, pois tudo é voltado e pensado para o povo ao qual pertença e para os demais povos do Brasil. O mais importante é mostrar para meu povo, minha família, os alunos e para o mundo acadêmico que também tenho capacidade e que os saberes ancestrais são importantes.

Por meio de ação afirmativa, curso o doutorado com compromisso, experiência e vivência, pois assim quis o destino e, em 2022, caminho para a UFRGS com cara, coragem e proteção do meu ancestral. Hoje estou realizando um sonho e aqui escrevo o artigo durante a pesquisa de campo.

Bruno Kaingang

Bruno Kaingang (2023) nasceu no município de Tenente Portela, chamado de Gamelinha, na Terra Indígena Guarita no noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Antes da ida à escola passava na casa da sua Nỹ Kófa, retornando para Gamelinha, lugar onde o seu umbigo está enterrado, próximo de sua avó materna na comunidade de falante da língua kaingang. Nesse lugar as crianças ouviam narrativas, contadas pelo seu avô.

Bruno Ferreira (2023) lembra a fala de seu pai: "Precisa ir para a escola estudar, para não sofrer. Para seu pai, a ideia de frequentar a escola não significaria que os Kaingang deveriam abrir as mãos às suas práticas, mas alertava para que as tecnologias ajudassem as famílias a ter uma vida melhor. As tecnologias poderiam ajudar as suas práticas que vêm de geração

ka'mo ta'akana nikuvã, Kumuã nikuvã, yĩř naveró nohta nisa vãhkukati, yĩř ré te'é dihpoapi nisa.

Yĩř bu'esé yĩř ré meh'é'ta níí, yĩř ahka werena wãkun karópi nisa toho weéro Brasil nina mahsá're wãkuúnó. Toho weka'né yĩř ahka werena yon sînikati, yĩř pahkisîmiaré, yĩř buenané toho weéro acadêmico imikóho ninané weré sînikati, i'sãna tiomahsinatá níí toho wero řsã mahsîsena řsãné anhuú.

Ação afirmativa mena duturado nisé bu'e peokiiti nikaró niwê, mahsîsé mena, nisetiromena, 2022 kimá, tó UFRGS ma'ã buhuá yĩř diapoá, witisemená yĩř nhehkisîmiapi weétamupã. Ní'kaá yĩř kē'êkē weé toho níkã yĩř artigo anhuno amanse wateró ohã'a'te ré.

Bruno Kaingang

Bruno Kaingang (2022) Tenente Portela wamétiro mahkã mahsãpi, Camelinho ninó wametipã po'terikaharã ditápi Guarita Estado do Diã Pahiró Siró. Bu'eri wi'í wa'á tí dihporo Kř Nỹ Kófa wi'í ré wa'ã mahpí, Camelinha nino tohátí mahpí, kř sîmũga yaá karó, kř nhehkó pi'tó na yē'é ukuúnó mahkã. Toho ré wi'marã kihti ti'opã, kř nhehkó weré seré.

Bruno Ferreira (2023) pahki ukuse ti'opí: "Bu'eri wi'í'pi wa'aró yaá, pi'eti síniti". Kř pahki ti'ó řya kãré Kaingang bu'eró waaná na mahsiseré duúsé mehtá nisa, kioró mena na pekãsãha na kioseré nané wetamunosá na ahkawerenaré na nisetiro kioró warosa. Pekãsãha

a geração, tendo a compreensão de que a utilização tecnológica não deveria ter a produção como princípio do acúmulo e a riqueza individualizada, mas destinar-se a fortalecer relações de complementariedade e reciprocidade entre as pessoas e famílias, os povos indígenas. Assim relata Luciano (2013, p. 20): “A escolarização me fez conhecer o lado cruel da vida no mundo branco: disputa, injustiça, desigualdade e falta de solidariedade. A vida na aldeia me ensina a evitar e combater essas mazelas”.

Segundo Bruno (2023), a ida para a universidade aconteceu por uma necessidade do movimento indígena no sul do Brasil, não foi uma decisão pessoal, mas escolha realizada pelos coordenadores da Organização das Nações Indígenas do Sul (ONISUL) para realizar vestibular no curso de História para ajudar na construção de uma política pública para uma educação escolar indígena Kaingang. O movimento compreende a universidade como ferramenta importante para as lutas indígenas.

Ingressa tardiamente, em relação aos brancos e negros, mas foi um ingresso consciente e importante para sua vida coletiva e individual, sendo resultado de escolhas e decisões conscientes. Assim relata:

Este percurso formativo é a necessidade de compreender e aumentar o conhecimento do mundo não indígena, de modo especial o mundo dos brancos, seus conhecimentos, sua cultura, seu comportamento em relação aos indígenas e, dessa forma, ajudar o movimento indígena a respeito das políticas públicas

yě'ê nane wetamunosá na beropiré a'tianaré, toho wero ahpeye noho ni'kĩ ʔpĩti kiosé mehtá nisa, ahpenamena tuhtuaro nisa, dihkawaaro mahsāmena na ahkawerenamena, toho na po'terikaharā mahsā mena. A'tiro Luciano (2013, p.20) werepĩ: “yĩ'ĩ bu'eropiré nhaán buhtiasé na pekāsāha nisetiroré ʔyā'ā: Utamu amekésé, diakĩ nitiró, ni'kĩ nisé toho dihkawaaro maninó. Yá mahkā anhuno mena kahtiro mahsĩ'ĩ, toho weki teré yā'āsere kumuta”.

Bruno (2023) yĩ'ĩ universidade waró po'terikaharā Brasil siropé nima na ukunkaró niĩ toho wero na iákaró niĩ, yĩ'ĩ bahsĩ yákaró mehtá na Coordenadores da Organização das Nações Indígenas do Sul (ONISUL) beséki niĩ toho weki vestibular té bu'esehe de História wekatĩ nané política pública da Educação escolar indígena Kaingang ukuútamuaki. Universidade ré ya'ā nopā mani po'terikaharā mani besû ukuútamuaki werónó.

Peró'pi sahaníkapĩ, pekāsāha na yĩ'ná beropiré, toho weki kioró tuomahsísemena sahápi kĩĩ pahanamena kahtisíniki kĩĩ ni'kĩ níró, kioró behsepĩ tuomahsísemena. A'tiro weéremi:

A'ti ma'ā weése ti'ó yě'ê síniki mahsísé nemósíniki na pekāsāha kio'seré tohé nó, na mahsísere, na deró nisétiró, na pekāsāha ti'ó mahsísé, teré mahsiki po'terikaharā wetamóno nisa na política pública êho peósé māsina kioró na mahsā

que envolvem decisões sobre a vida desses povos. (Ferreira, 2023, p.66)

Na sua percepção, o ingresso na universidade ocorreu em dois movimentos: o primeiro, considerando o contexto político, a necessidade de construir alianças e a universidade uma das parceiras escolhidas para a luta, ampliando de forma significativa a presença de estudantes indígenas nos diferentes cursos de graduação, graças às ações afirmativas implementadas no Brasil. O segundo é a chegada dos indígenas nos programas de Pós-Graduações, marcado pela construção de pesquisa que apresentem e representem o seu povo indígena para a universidade e de maneira geral para sociedade não indígena, mostrando nossas diferenças, as línguas, os costumes, as tradições, as culturas, os conhecimentos, outro jeito de ver o mundo, a ontologia e a cosmologia própria de cada povo.

Isael Guarani

Isael da Silva Pinheiro pertence ao povo Guarani do município de São Jerônimo da Serra na Terra Indígena Barão de Antonina localizada no norte do Paraná, onde nasceu e morou. Aprendeu o seu modo de ser e viver do povo Guarani que na língua tradicional é chamado de *tekoporã*. Os valores culturais devem ser colocados em prática, como as filosofias de vida que orientam o ser, estar e viver no mundo, pois são práticas milenares de sua cultura, da língua tradicional, da nossa espiritualidade, do verdadeiro modo de ser que se aprende na comunidade por meio da coletividade e da espiritualidade (Pinheiro, 2024).

anhuno kahtiro webosama. (Ferreira, 2023, p. 66)

Kĩĩ t'ĩyã kane universidade sahão piĩá ma'ã waápã: política na ti'ó yānō nimitāpa, anhuno ma'āka ahpó nikano toho weéro universidade behsenopā mani mena śiori ukuú tamópã, maní po'terikaharā bu'enane na kunseré nemopā ná curso de graduação piré, ações afirmativas toho o'ó weé'pã Brasil ré. Ahpero po'terikaharā ná bu'esehe Pós-Graduações ehtákaro niĩ tobero kansé, na anhuno amansé darakemena yon na po'terikaharā weré sininse universidade toho wero na pekāsāha mahsā, mani mehkā nisé, mani ukunsé, mani nisétiró, mani derónisetiro, mani mahsí katikê, mani mahsisé, mani deró imikóho t'iyānó, mahsā imikhó deró mahsinó.

Isael Pinheiro

Isael da Silva Pinheiro, guarani mahsā nimi tó São Jerônimo da Serra mahkā na po'terikaharā ditā Barão de Antonina Paraná dihpōro ninó, ti mahkā k'ĩ bahúkaro k'ĩ niĩkaró. Toho pi mahsípi deró nisetiró na imikóho deró Guarani mahsā na kahátikaró toho na ukuúsé mena tekoporā pisúpā. Mahsisé anhuno ehō peósé pehé kimani weékê nisa, na yé'ê ukunsemena, mani upi bahsekaró, mani mahkani mahsā pahánamena anhuno nisetiro (Pinheiro, 2024).

Guarani ukunsemena kahtiro ma'ã siasé "oguatá guassú" (pahákasé ma'ã) piĩmā ná dará ukuúnó topi

Na língua Guarani, sua trajetória de vida é chamada de “oguatá guassú” (grande caminhada), que se encontra ancorada nos fundamentos e preceitos da cultura tradicional Guarani, como a coletividade, ancestralidade, espiritualidade e reciprocidade. Para Isael Guarani (2024), a sua caminhada é de entrelugares, sua cultura e identidade compõem uma teia de memórias, de reflexões, de verdadeiras narrativas ouvidas e sentidas no calor das vivências, do contato direto com pessoas, com lugares e territórios. Sendo assim, falar de vivências e das memórias da infância é um ato de reviver e dar vida aos fatos culturais e sociais que nos marcam no tempo.

Tornou-se o primeiro indígena a realizar intercâmbio de Doutorado Sanduíche na University of the Fraser Valley (UFV) no Canadá (2023) e o primeiro doutor Guarani a ser diplomado pela UFRGS (2024). Atualmente, cursa pós-doutorado pelo projeto Baobá².

Susana Kaingang

Susana André Inácio Belfort (2023), natural da Terra Indígena Carreteiro do Rio Grande do Sul, ela e outras 30 familiares Kaingang foram expulsos em um conflito que houve na Terra Indígena Serrinha localizada na Região Norte do Rio Grande do Sul, pertencentes ao município de Ronda Alta, Três Palmeiras, Constantino e Engenho Velho, em outubro de 2021, por denunciar o arrendamento em terra indígena, mas a justiça determinou a reintegração.

Além da dificuldade de apropriação de escrita, a fim de registrar suas histórias e apresentar um relato alternativo à versão

niísá Guarani na dūhporopé mahsíké, dipokāsepi, ũpi bahsekaró, dihka 'waasé, Isael Guarani ré (2024) kǃ ma'ā sihākaró mahkani nisé sihāpi kǃ nisetiró té kǃ Guarani niró, toho weéké pehé kǃ tioké mahsísé kiosami, wakhunenesé, kihti kioró kǃ tioké, ti'ó'yāpi kǃ nisétisemena, toho nikā wimanki kǃ mahsínsemena nisé, tó ditaré nino. Toho nino, kahtise ukuúno té wimanki mahsínsemena kiosé té nisa weépó kahtiro té kahtiro kunsé mani kioseré na mahsā yoakā kiosé.

Kǃ nimitānké weépi intercâmbio de Doutorado Sanduíche na University of the Fraser Valley (UFV) Canadá (2024) nikāpi toho weéki nimitanki doutor Guarani bu'é wihápi UFRGS (2024). Nikanoakané, bu'esehe de Pós-doutorado weémi tó projeto Baobá wametiró.

Susana Kaingang

Susana André Inácio Belfort (2023) po'terikaharā dita Carreteiro do Diā Pahiró Siró ninopi mahsāpō, topiré nipā 30 kaingang niki pona ninā topi na kō'ānopā na po'terikaharā ditāpi Serrinha na região tó Diā Pahiró Siró nimitano ninopi, Ronda Alta, Três Palmeiras, Constantino tó Engenho Velho nisé mahkāpi, outubro de 2021 nikāpi, na weresanomena toho waāpā po'terikaharā dita na wapá tá'a duaró mena, diaké niki nane wiatono duhtipi.

Toho niikā na papera ohakapuni nane diosapā, na kiona na kihti ohabopā toho weéna na pekāsāha ehtakana

do colonizador ocidental, compete ao indígena pesquisador a superação das metodologias que se impõem na produção do conhecimento, que da mesma forma se encontram alicerçadas em raízes profundas do colonialismo. Susana segue na perspectiva de superar desafios de aliar a produção científica e seus caminhos metodológicos à maneira de contar as histórias Kaingang, tradicionalmente vinculadas à oralidade: as metodologias dos nossos ancestrais.

Susana (2023) afirma que os indígenas têm suas vivências na trajetória de vida na oralidade, mas quando inseridos no espaço da universidade, como indígenas-pesquisadores, assume-se o desafio de escrever a própria pesquisa e fazer com que a palavra escrita traduza o pensamento e a expressão da visão indígena. Em entrevista com Fabiana Reinholz, do Brasil de Fato, ele afirma:

Quem está em Porto Alegre está distante de muitas das comunidades situadas no Norte do Rio Grande do Sul. São seis, oito ou até dez horas dependendo do ônibus que você pega. Isso afeta muito a escolarização e a qualificação e toda a trajetória acadêmica para a mulher. [...] A maior parte dos professores de escolas indígenas depende da remuneração do contrato de trabalho emergencial. Então, o que acontece? Como depende disso, vão pensar duas vezes em investir na qualificação acadêmica porque vai gerar impacto na renda familiar. (Reinholz, 2023)

Tornou-se a primeira mulher Kaingang doutora.

yé'êré mehkā ohanobopā, tohó niikā
po'terikaharā anhungo amansiaki
yí'ri níkakinsami na mahsíséré nané
tuhtuaromena weenasamá, te'é na
pekāsāha mitakê nino'kuapā ohopi.
Susana wahku tuhtuasé kiomó yí'ri
nikāsínino toho weégo na pekāsāha
mahsísēmēna kioró weénosa na
Kaingang kihti na yé'ê mahsíkatikê merá
teré tó pihsumá na ukuúsere: anhungo
waháse mani pahkísímiā kiokêre.

Susana (2023), toho nimó ukuúsé
me'rā po'terikaharā kahtiró kiomá na
síháropi, toho weéna universidade
ninó pó'pēapi, po'terikaharā-anhungo
amá nisíanané, na tuhtuaró me'rā
ohā sama na añunó amanseré tohó
weéna wahkusé uró me'rā ohāsama na
po'terikaharā í'yáséré ukuúsama. Ná sēri
yā'akā Brasil de Fato, toho nipō:

*Pehtá Ekatí niná, na a'tikê mahkārí
yoaropi tohasa Diá Pahîró Siró níino
piré. Ná ônibus a'tiro ahpê mukâ
niki penipeasé, ahpê mukâ i'tiá
penipeasé, piâmukâse horas nisa
nheenkâne. Tohó yoarópi nisetikâ
na bu'ésere acadêmico sahanise
ma'áni numiā 'ré kioró wahatisa [...].
Pahaná po'terikaharā bu'eri wi'í'pi
wimaná bueki wahapatá nheense
kótēma na darasé paharé. Deró
waásari? Ná wahpateseré kótēná,
pñatipi wahkunasamá na acadêmico
bu'ésínina na wahpatanheense
niíki pona yé'ê nisa tohó wero naré
bahsótisa. (Reinholz, 2023)*

Numiō Kaingang nikamitakó dutura
keogó tohapō.

Raquel Kubeo

Raquel de Cassia Rodrigues Ramos, pertencente ao povo Kubeo, nasceu no alto rio Uaupés no Território Indígena do Alto Rio Negro, em São Gabriel da Cachoeira (AM) na fronteira do Brasil com a Colômbia. Como todas as mulheres dos povos originários e brasileiras, na busca por crescimento humano e profissional, aventurou-se para conhecer outros territórios, chegando a Porto Alegre (2014), em companhia das irmãs Franciscanas de Nossa Senhora de Aparecida (Ramos, 2021).

Após a reprovação da seletiva para mestrado pela Faculdade de Educação/UFRGS, em 2017, começa a realizar atividades no espaço da universidade, ao encontrar os Kaingang, e nos espaços culturais como museus, feiras e mostras de cinema, integrando-se no movimento indígena com as mulheres artesãs e lideranças Guarani e Kaingang, tendo algumas colegas estudantes da Universidade (Ramos, 2021).

Participa, em 2018, do seminário de Formação de Conceitos e Tecnologias no Ensino. Novamente participa do processo seletivo e ingressa no Mestrado em Educação. Em 2019, faz parte do coletivo do Centro de Referência Afro-Indígena do Rio Grande do Sul e contribuiu com o projeto Rede Indígena Porto Alegre, organizando vendas de artesanato de forma voluntária. Desde 2022, cursa doutorado em Educação pelo PPGEDU/UFRGS.

Angélica Kaingang

Angélica Domingos (2022), pertencente ao povo Kaingang, nasceu e cresceu na Terra Indígena Votouro no estado do Rio

Raquel Kubeo

Raquel de Cassia Rodrigues Ramos, Kubeu Mahsó nimó, a'tópi bahuapô Alto Rio Uaupés Po'terikaharā Dita Alto Rio Negro, São Gabriel da Cachoeira (AM) mahkâpi, Brasil y Colombia ditā yapá tiropi. Toho nikané na po'terikaharā numiã na mahsā niimitakana y brasileiras, mahsó weéro bikia sínigó y dasínigó, toho weégo apeye ditaripi waápô, Pehtá Ekatiró (2014) reapô, na Payá numia Franciscana de Nossa Senhora de Aparecida karā me1rā (Ramos, 2021).

Besé ropi y'iritipô Mestrado Faculdade de Educação/UFRGS niirôpi, 2017 ré, tópire universidade ninópi darasea weékupô, Kaingang mahsā bohkapô, tó wateró museu, feiras, cinema yósé, po'terikaharā numiã daraná, Guarani Kaingang vionane bohkatô, niikanena niipā universidade bu'ena numiã (Ramos, 2021).

2018 kimá, seminário de Formação de conceitos e Tecnologia no Ensino weépô. Ahpáturi weépô'tá besé nosaré a'to punikaré sahapô Mestrado em Educação. 2019 nikare, Centro de Referência Afro-Indígena do Diã Pahiró Siró nini kura ré sahapô, projeto de Rede Indígena Pehtá Ekatiró, sí'ôri weétamupô po'terikaharā dasere. 2022 niikâpi, doutorado em Educação bu'emô PPGEDU/UFRGS.

Angélica Kaingang

Angélica Domingos (2022), Kaingang mahsó nimó, kó buhuapô Po'terikaharā Ditapi Votouro wamé tiropi tó estado Diã Pahiró Siró. Matapi kó

Grande do Sul no Brasil. Muito cedo perde a sua mãe, a partir disso, foi possível a sua saída de seu território para (re)territorializar outros caminhos, cidade, universidade, as retomadas. Na UFRGS, pauta por moradia é protagonizada por mulheres estudantes indígenas, muitas delas eram mães ou passavam a ser durante o processo de graduação.

A moradia, Casa dos Estudantes Universitários (CEU/UFRGS), impossibilitava a presença dos filhos de estudantes indígenas, constando inclusive no regimento interno a vedação de permanência de crianças. Muitas das mães estudantes indígenas, sem ter outra opção, permaneciam “escondidas” com seus filhos no CEU, um lugar extremamente ríspido, que não aceita os modos de ser e viver indígena (Domingos, 2022).

Angelica e demais mulheres estudantes protagonizaram, em 2022, a conquista da atual moradia da Casa do Estudante Indígena (CEI/UFRGS). A partir da conquista possibilitou a inter-relação da convivência das crianças até aos mais velhos, do possível recebem familiares, os kujás (velhos), que são lideranças espirituais e detentores dos saberes ancestrais. Assim afirma: “Para nós não se trata apenas de imóvel para acomodarmos, mas de espaço que permita ser quem somos, como nossos modos de vida e aprendizados, como nossas culturas, nossa convivência e sobrevivência” (Domingos, 2022, p.32). Atualmente, reside no CEI acompanhado de seus filhos, cursa doutorado pelo PPGEDU/UFRGS.

pahkó wenipô, toho weégô, wihiapô
kó ninó ditaré apeye ditapí siagô
waápô, mahkani, Universidade, ditá
omaturiasé. To’ó UFRGS, niínó kahsé
ukuúkatí’pô teéré po’terikaharā
bu’ena numiā me’rā ukuúpā, titaré
graduação bu’eró wateró, phana numiā
nipā’vimanā pahko karā na bueró
watero ponatina numiā niikupā.

Na niikaró, Casa do Estudantes
Universitário (CEU/UFRGS). Wimanané
ĩyā tikupā na po’terikaharā bu’ena
numiā ponané, papera duhtisé
wāhampā na ponané ninó manipā.
Toho weé nopā po’terikaharā bu’ena
numiā, nino manikaré, na ponané nió
dutipā tó CEU popeapi, nhānó niikupā,
na po’terikaharā deró nisetiroré í’yā
tipā (Domingos, 2022).

Angélica ahpena bu’ená numiā me’rā,
2022 niikaré, na omaturipā na ninoré
Casa do Estudante Indígena(CEI/
UFRGS). To’ó pire na nisetíromena
niipā na wimané toho nikā bikinane,
na pōtonone na niki pona, wionā, biki,
aná nisama pehé ti’ó ĩyā’ásé kionā na
pahkisimiā mahsisé kioturiasamā. A’tiró
nimó: ĩsāné ato’ó kanino mehta nií,
a’toré ĩsā deró nisetíromena ninati, ĩsā
kahtisemena, ĩsā mahsisemena, ĩsā
kahtiromena (Domingos, 2022, p. 32).
Nikané, CEI pita kó ninó ponamena,
bu’esehe duturo em Educação weémó
tó PPGEDU/UFRGS.

ACESSO, PERMANÊNCIA E A BOLSA DE ESTUDO NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UFRGS

No final do século XX e no início do século XXI, cresceu de forma rápida o número de escolas em Terras Indígenas principalmente contando com professores pertencentes às comunidades a que se destinam, inaugurando a proposta curriculares diferenciadas e materiais didáticos específicos e bilingues, anunciando um movimento de apropriação de uma instituição eminentemente ocidental em sua origem, mas que aos poucos toma a colocação do povo indígena que a protagoniza. O quadro numérico que apresenta as escolas indígenas de ensino básico evidencia a crescente presença no cenário educacional: em 2012 o censo escolar registrou 2.954 escolas indígenas em 26 estados brasileiros (com maior concentração na região norte, onde estão 1830 ou 62% do total), em contraponto as 1326 escolas registradas pelo censo escolar de 20202, significando um aumento de mais de 100% em uma década (Bergamaschi, Kurroschi, 2013).

Gersem Baniwa (2010, p.41), reconhece que “o interesse dos povos indígenas pelo ensino superior está relacionado à aspiração coletiva de enfrentar as condições e marginalização” [...], a educação superior como “ferramenta para promover suas próprias propostas de desenvolvimento, por meio do fortalecimento de seus conhecimentos originários, de suas instituições e do incremento de suas capacidades de negociação, pressão e intervenção dentro e fora de suas comunidades”. Então, a universidade como aliada na afirmação partilha da crença de que há, no olhar estimado do outro,

SAHÁNO, TOHANĪKARO Y BU'ERÓ AHURÓ NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UFRGS

Século XX pe'tiró toho século XXI nikânó, Bu'esé wi'iseri po'terikaharā ditaré piti bikiapā tohó wero buekikarā bikiapā té mahkani, currículos mehkā nisetisē y mehkā bu'ese na weékê, pñarō ukuse, toho weéna na pekāsāha mahsise mitikêré bu'enopā, sahatiró na po'terikaharā mahsā na mahsise topire bahusā. Ná quadro Poterikarā bu'eri wi'iseri nhoókê toho piré ensino básico piti bukiapāi bu'esere: 2012 bueró censo yópā 2.954 po'terikaharā bu'eri wi'iseri niípā 26 estados brasileiros (pahiró bukiakaró nisa região norte, toré nisa 1830 ou 62% tó nipetiroré), nhapontoka 1.326 te'é bu'eri wi'iseri to'ó buero censo de 2022 niípā, bitī bikiapā 100% niikupā pñmukā na weékê (Bergamaschi, Kurroschi, 2023).

Gerson Baniwa (2010, p. 41) ã'yā mahsī táhpikupī “po'terikaharā mahsā na Ensino Superior bu'esinikā na pahanā mahsā me'rā yāpontopā ukuúpā na deró ã'yānó na'rē weépekaroré.” [...] tohó weéro educação superior niípā “po'terikaharā besũ niípā na basī bikiā kunsē, toho wa'tero biki'nā mahsīsemena tuhtuānasama, s'õri darā a'mé s'õro, teré ukuú me'rigi, ukuú tuhtuaró nisa po'peapi toho mahkani wiharo”. Tiita, universidade mani ba'pa ukuútamoakí, dihkawaá heompeose, ahpi diakñh ã'yā poo'teõró, pahanā ameríndio mahsā me'rā weesé, masí kahtisemena tuhtuanosa mani po'terikaharā yéê.

a possibilidade de construir ou reforçar a autoestima coletiva dos povos ameríndios, reforçando assim a sua identidade étnico-cultural.

Vale destacar que, apesar de todos os mecanismos de controle, estratégias de assimilação e violência empreendidas pelo Estado brasileiro, os povos indígenas nunca deixaram de lutar e defender sua cultura e identidade:

Os povos indígenas, juntamente com suas lideranças e intelectuais, perceberam que, nesse contexto, somente o ativismo, a militância e a participação na esfera pública, como um movimento político-cultural organizado, possibilitariam resistência mínima a esse processo institucionalizado de colonização que se impôs verticalmente à sociedade brasileira em geral e aos povos indígenas em particular. (Danner et al., 2019, p. 7)

Em 2022, o processo seletivo para mestrado e doutorado seguiu as políticas de ação afirmativa do PPGEDU/UFRGS, sendo o sistema universal; sistema de reserva de vagas (onde inscrevo); anexação da declaração de liderança, no meu caso, da Federação das Organizações Indígenas do Alto Rio Negro (FOIRN) e da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI). A partir da abertura dos editais, o postulante indígena residente do território brasileiro realiza sua inscrição e é convidado a entrar na universidade, mas quem convida não está para receber.

O acesso dos estudantes indígenas no programa não depende somente da seletiva e da cota, acaba ocorrendo também de diversas formas, como acesso universal via

Até bahuasé níí, pehé mecanismo nhanunosé nimikātā, werê kahsásti'ó yā'asé tohó nikā Estado Brasileiro nhaanó wekaró, na po'terikāharā mahsā tohó nimikātā ukuúm amekêmpā tuú ka'mo ta'ápā na teró nisetiro kahsé wena.

Po'terikāharā mahsā, tuxauva karamena na bikina mahsiná, ti'ó yāpā, to'rê, na yā kārê na anhunó ukuú me'rinó díapā na esfera publica, na ahporó we'éro díapā político-cultural ahporó, tohó we'ró na kanó tutuaró díapā na institucionalizado de colonização brasileira mahsā nipetina na po'terikāhrā mahsā nané (Danner et al., 2019, p.7).

2022 nikarê, mestrado y doutorado na ĩ'yā beseró keoró weé nopā na política de ações afirmativas PPGEDU/UFRGS, titaré níí pā sistema universal; sistema na po'terikaharā dí'á keré (tó weé kahti); wiōná na ohakaponi, Federação Indígena do Alto Rio Negro (FOIRN) tó Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) na okê yi'ĩ kūúkatí. Editais paā kane, po'terikaharā brasileiro dí'tá niná na weé'sínina, ohasé mena weé kahti, universidade ĩ'sā pihi nókati, na pihi napena poó'terí tima ĩ'sā né.

Po'terikaharā bu'eki programa saháná, te'é besesé te'é cota dí'akĩhĩ mehta níí, ahpeyé weésé buhuá te'é universal saháno tó vestibular saháno toho nikā mehékā projetos. Tohtá, pehé kumutasé bapatisé níí: programa ações afirmativa anhunó mahsítiro;

vestibular e projeto diferenciado. Sendo assim, vem acompanhado de diversos impedimentos como a falta de compreensão do programa de ação afirmativa; afastamento do vínculo empregatício; questão financeira; gasto com deslocamento da comunidade para a universidade; a moradia; desafio de deixar o lar familiar; este último pode levar à desistência. A inclusão do estudante indígena no programa está longe de ser ideal, pois ainda é um espaço restrito.

Com o incremento de ações afirmativas, impulsionou a procura e entrada de indígenas nas universidades, além de se considerar a interculturalidade, é pertinente atentar-se ao diálogo entre as diferentes epistemologias e recriar espaços para essa troca de saberes, remetendo ao conceito de intercientificidade. A implementação de práticas e reflexões intercientíficas no âmbito acadêmico faz-se necessária para compreender o todo de maneira associada e global, sobretudo rompendo com a tradição da ciência eurocentrada que é vivenciada externamente no meio universitário e proporcionando o diálogo com diferentes sistemas de conhecimentos, tais como os conhecimentos indígenas (Little, 2002; Saes, 2012; Galdino, Ayres e Maciel, 2016).

O território universitário foi construído sob proteção de cultura dominante, um espaço excludente que impossibilita um acesso justo e igualitário. A efetivação de acesso de minoria no curso de Pós-Graduação não assegura a condição de permanência. Incluir estudante indígena sem garantias seria excluir do programa, não teria possibilidades concretas de avançar, progredir e concluir. Permanência ainda se torna um desafio, além de enfrentar

daraseré tohánikansé; wahápata móse; mahkanipí a'tikarā universidade ehtá peosé; wi'í niahtó; ahkawerena duúsé; a'toré k̄k̄ dukabosami. Po'terikē bu'ekī programa soneosé yoaropí āyúnó waró disā, toré diosá nīí hopi.

Ações afirmativas bikiarómena po'terikāharā tuhtuaró waápā hamanpā sahápā universidade popeapí, tohó nikā pahaná mahsā mena ukunsé, anhunú yā koteró nisa na ukunsé ahpena mahsā na mahsisé keoseré até na ninó wateró masisére anhunó dohka yu'sé, tohó weró na unkusé maiséré intercientificidade pihisuma. Na weésé kunsé até intercientificidade ti'ó yā'sé academia popeapí keoró ti'ó káro ya'ro weesa niipetito imikohó niropi, na diporocana surunopā ciência-eurocentrada na eheōsere na universitário nisetiró ninó popeapí nané pehé ukunsé mehkā hapena mahsā masisé sistema pihisuma, te'é mena po'terikāharā masisé (Little, 2002; Saes, 2012; Galdino, Aires e Maciel, 2016).

Universitário ditā na darakaró pekāsāha na tuú ka'mó ta'ákaró nīí, toho weéro anhuno tohó nikā ahpí weroró saháno diosa nīí. Na po'terikaharā keoró saháno bu'esehe Pós-Graduação, na 'ré yuhúpi anhunó namé kuāhto maníí. Po'terikē bu'ekī keoró weétima programa sahā duhtiró veronó niikā, tohó wero diaki waase maníí, buhkease tohó niikā pe'ósé. Na tohakearó diosase nīí, tohó nikā yā'áse pihsusé, na niikā ti'ó mahsānkē tohó nika na po'terikaharā mahsisere tisatisama.

preconceito, discriminação e desrespeito ao saber indígena.

Enfrentar o mundo acadêmico foi para escutar e ser escutado, para dizer quem sou e o que quero ser. Deslocar para a UFRGS foi uma decisão difícil, pensada coletivamente em família, prevaleceram minha vontade e maturidade em buscar formação pessoal e profissional em prol do coletivo Tukano.

Em Taracúá residiram, quando em vida, meus ancestrais, o conhecimento de tradição cultural, ciência, narrativa, cosmologia e sabedoria vem dessa localidade, lugar das minhas raízes. Deixar esse lar não foi fácil pela distância a ser percorrida (22 horas); é o local central da pesquisa de tese.

Acadêmico imikhó yāpoteose weéki a'tikati na yí'ti'ó té napena yí'tré tí'ónasama, noã nii'ti yí't nisa tohó nikā nhâmi nĩkisari yí't. UFRGS a'tiró diasaró nikati, yí't ahka werenamena ukuú kati, yí't a'tisinikaro, mahsĩ weéronó bikiasiniki té darasere weéki dahseá mahsáne weéki a'tikati.

Taracúá mahkā, yí't nhehkisimiá kahtikupā, kahtiró mahsikatisé, ʔsā bu'é mahsise, kihti, imikohoó deró nisetiro toho weékā ʔsā mahsise, a'ti mahka karse pehé mahsikati, yí't mahsakaró nii. Ti mahka duúkatiro diosaro waá kati 22 horas yoá yí't Tese anhunó hamasiaropi nii.

Figura 1. *Percurso de Taracúá, AM para Porto Alegre, RS*



Fonte: Produzido pelo autor, 2023.

Realizo seletiva para *bolsa de estudo*, mesmo estando atrelada a classificação no processo seletivo e cumprir o quesito relacionado ao mérito, fui contemplado pela CAPES (após 06 meses) sendo o apoio essencial para permanência no programa e útil para custeio pessoal e na despesa com alojamento (como na segunda passagem na UFRGS), alimentação, aquisição de notebook, livros, além de custear passagem aéreas, pesquisa de campo e partilha junto ao povo.

Quanto à *moradia*, permaneço na Casa do Estudante Indígena com apoio da minha professora orientadora e do doutorando Guarani, hoje doutor, tendo que readaptar a cultura, o frio, a alimentação e outros acontecimentos com naturalidade. A universidade acolheu, no primeiro momento, proporcionou moradia, bolsa de estudo e Restaurante Universitário (RU); a longa fila dificultava o acesso. Representei com naturalidade a cultura tradicional do povo Tukano através de roda de conversa.

A permanência no programa, apesar de ser um desafio, representa um lugar de destaque e de expansão do saber indígena à sociedade envolvente. Para isso é necessária a inclusão integral que não facilite apenas a entrada do estudante indígena, mas assegure assistência necessária para o sucesso acadêmico.

CASA DOS ESTUDANTES INDÍGENAS – CEI NA UFRGS

“Hoje estou na CEI - Casa do Estudante Indígena da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, uma conquista que demarca a UFRGS como território indígena”.

Woie Kriri Sobrinho Patté (do povo Xokleng)

Toho Bu'ero ahuro besé we'éropi wekatí, na seniké niikî yĩ'tí ní kamó ta'áno, tohó we'éki yĩ'ri kati CAPES (06 meses beró) yĩ'f programa tohakearó anhunó te'é mena, yĩ'f duro ohoó, kaninó tuhku wahpayeé tó me'rá (UFRGS ahpetiro ninó ehtatikaki), ba'áse, notebook duro, papéra bu'eri turi, toho niká, wiipihí waasé wahpayeé, anhunó hamansé paá toho niká ahkawerena me'rá dihkawaaro.

Yĩ'f wi'í ehagi tí Po'terikaharā Bu'ená Wi'í ehá, buegó yĩ'f werê kahsagó kii doutorando Guarani, ni'kaá duturo, níi ahporó na yé'ê mahsí kahtiroré, yisiáro, ba'asé toho niká ahpeyé sahtiró ahpó kii. Universidade poo'tēri, nimitagi titá piré, kaninó tuhku o'owā, universitário pā Ba'aró (RU), pahaná bu'ena niká saháno diosá. Keoró darsé yĩ'f re heompeó mani mahsísere namená ukuú.

Programa tohakearo, diosamikātá, tuhtuarómena níi ninó, ĩ'sā po'terikaharā mahsísé bikiá na perkasā mahsā nimikātá. Tó sahá niikano mehta yā'á, ĩ'sā niipetiró anhunó nisetiseró yā'á temena anhunó bu'esé acadêmico peobosá.

PO'TERIKAHARĀ BU'ENA WI'Í – CEI UFRGS

“Ni'kaá a'tó CEI – Po'terikaharā Bu'ená Wi'í Universidade Federal do Diā Pahiró Siró níi, niká a'tó po'terikaharā ditá tohá UFRGS ĩ'sā yeerineká”.

Woie Kriri Sobrinho Patté (Xokleng mahsā)

O CEI foi uma conquista de luta dos estudantes indígenas Kaingang, Guarani, Xokleng, com apoio de lideranças como dona Iracema Gatéh e Kretã Kaingang, além de professores e estudantes simpatizantes da causa. Segundo Patté (2023), no dia 24 de março de 2022, um dia após terem sido informados de grande notícia, na antiga creche da UFRGS, foi marcada uma visita à nova casa para o dia 31 de abril. Porém, foram surpreendidos por grande temporal, com chuvas e vento muito fortes, molhando barracas e todas as suas roupas. [...] Diante disso, o coletivo de estudantes indígenas tomou a decisão de antecipar a ocupação da nova casa. E assim fizeram, enfrentando a resistência de pessoas da gestão da universidade. [...] Foi uma noite tensa, mas enfim em casa, mesmo que todos tivessem que dormir no chão, estávamos dentro de um teto. [...] Muita coisa ainda precisa ser feita e muito a ser conquistado na universidade, como ter o primeiro de muitos professores indígenas concursados. (Patté, 2023).

Como diz a estudante Tailine: “É um local adequado para nós, principalmente, para as nossas crianças”. Continua dizendo: “É um momento especial para nós. Essa é uma demanda antiga, anterior à ocupação, pelo menos 10 anos. Tivemos que realizar essa ocupação para que realmente pudéssemos obter os nossos direitos aqui na Universidade”.

Atualmente, o CEI fica na responsabilidade da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE/UFRGS), que dá condições de permanência, auxílio estudantil e conclusão de curso de graduação, bem como

CEI ȳsā amenkêukunsé po'terikarā bu'ena Kaingang, Guarani, Xokleng, wiōnā yāa tuú koō bīkéō Iracema Gatéh k̃ñ bīkī Kretā Kaingang, toho niikā bu'égō na bu'ena weétamupā. Patté weérepī (2023), 24 de março de 2022, nikanimi beró na werevā pahairó kihti, dīporópī creche UFRGS níka wi'í, ȳsā ȳ'yā sihá'tó mama wi'í cumpā 31 de abril de 2022. Toho nikā, pahirohó ahkôro pehapā, wi'rō tuhtuārō me'rā, wi'í seriakā puutipā toho níka na yé'ê sutirí [...]. Toho beró, ȳsā po'terikarā pahanā bu'enā ti'o ȳ'yāa mahsípā sahāpā mamā wi'í ré. Toho, ȳsā yi'ripeapā weé poteosé me'rā weepā na universdade wiōnā níkanane. [...] piti vioró waápā nhamine, na wi'ípi niró anhupā, toho nikā nohkúka kanipā, wi'í pópeapi nitahpā [...]. Pehé weró disaá ohoopi toho níka piti ukuntuhtuaró disaá universdade me'rā, maniné disaá po'terikē bu'ekī nimĩtakī concursado kioró (Patté, 2023).

Tailine bu'égō a'tiró ninó : “a'tó ȳsā ninó anhu nií, toho nikā ȳsā wimanane. Toho nimó : ȳsā ne anhupunikā nikano piré. ȳsā piti ukuamekepā, 10 kimari yi'riá. ȳsā ninó sahā níkaró maniné keoró nií mani tuhtuaró mena dara katikē keoró waá nikane universdade popeapi nií”.

Ni'kaáre, CEI ré ȳ'yā niro Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE/UFRGS) nií nané tohakearó kūma, bu'enā ahpataró ohoóma, graduação bu'ero tu'ā ehani'koró anhuú, nané ohoóma

apoio financeiro e administrativo para o funcionamento da moradia. Internamente a CEI fica na responsabilidade do Coletivo de Estudantes Indígenas da universidade (UFRGS).

A PROFICIÊNCIA, LUTAS E DESAFIOS DOS ESTUDANTES INDÍGENAS

O ingresso de indígena pelo sistema de cota no PPGEDU/UFRGS é um avanço expressivo, porém a questão de moradia e de bolsa se torna motivo de lutas e de desafios. A precariedade do CEI, a demora na reforma, a superlotação, onde acomodar o estudante indígena que se desloca de outra região do Brasil, do município próximo e distante da capital, Porto Alegre. O CEI é um espaço para graduando e não para o estudante da pós-graduação.

Estudante de outra região necessita de moradia, apoio financeiro para seu custeio e suporte acadêmico. A moradia e a bolsa de estudo podem solucionar ou trazer problemas para a universidade e para o próprio estudante indígena, como a saúde mental, a luta pela vida e a desistência do curso.

Em 2024, participo da eleição da reitoria da UFRGS, pela primeira vez sendo recebido pela reitora e pelo vice-reitor.

A Resolução Nº 001/2018/COMPÓS, institui o exame de proficiência em Língua Portuguesa como adicional para estudante indígena e estudante surdos, assim determina:

Art. 1º - Diante do reconhecimento dos direitos linguísticos de indígenas e surdos que não têm o português como primeira

ahpataró tohó niká wi'í t'yâ nirosé. CEI po'peapi Po'terikâharâ Bu'ena Kura universidade (UFRGS) karâ duti.

A PROFICIÊNCIA, TUHTUASÉ IERESÉ PO'TERIKAHARÂ BU'ENA

Sistema de Cotas PPGEDU/UFRGS po'terikaharâ saháno keoró wa'á, toho niká ninó te'é ahuró ukuúamekêsé wa'á. CEI ahporó t'yáro weé, yoakâ na ahpáturí weesé, pahana nisé, toho niká noópi po'terikaharâ bu'ena kuúnósare ná Brasil ahpeyé mahakí yaorópi a'ti karâ, capital de Pehtá Ekati pí'toaka nina toho niká yoaropikarâ a'tikana. CEI ni'kaaré graduados kahana nino níi toho weéro pós-graduação níi mahsítima.

Ahpeyé mahká a'tina na niatóre yama, na yé'é duusé toho nika acadêmico weétamusé. Ná niató toho nika ahuró bu'eró anhunó nisa te'é na nhaânó mitisá universidade ré ná po'terikê bu'eki toho'tá dohpóá nhaásé ti'ó t'yásé, kahtiró anhuno nisetiro toho niká bu'esehe koanró.

2024, UFRGS wioki ohâ sansé tamukatí, titaré wiôná me'ra neé ukuúpā t'sā niipā ukumita'karā reitora toho niká vice-reitor anhuno poteni'wā.

Resolução Nº 001/2018/COMPÓS, tó pi níi proficiência em Língua Portuguesa ti'ó t'yā'a beseró ná po'terikarâ bu'enane toho nikí bu'ena ti'ó tinané, a'tiró duhtí:

Art. 1º A'to t'yâ mahsínoró diakikisé po'terikaharâ uúkūsehe ná ti'otina português ukunó imi'tanó moná,

língua de socialização, fica estabelecido que será facultada a esses estudantes a realização de proficiência em português como língua adicional.

Na Sala de Saberes Indígenas com Dr. Bruno Kaingang sobre a proficiência em Língua Portuguesa, quando perguntado assim, afirma: “Parente Tukano, para nós indígenas a língua Portuguesa é uma língua estrangeira, é nossa segunda língua. Eu falo língua Kaingang, você fala língua Tukano, Isael deve falar Guaraní e Woie fala língua Xokleng. É simples assim”. A proficiência ajuda na permanência no programa, quando aprovado, sendo uma das exigências acompanhadas de publicação de artigos, organização de livro, conclusão de disciplinas com 30 créditos, estágio de docência e outras. A permanência conta com rede de apoio e interação social coletiva indígena, no fortalecimento pessoal, na força e na persistência na busca do objetivo.

A CONEXÃO DAS DOCENTES COM ESTUDANTES INDÍGENAS DO PPGEDU/UFRGS

A conexão inicia-se indiretamente na escolha de futuro orientador no período de inscrição, concretizando-se com aprovação. Dr. Bruno Kaingang não se chama de orientador/a, ele expressa que se orienta para quem está desorientado, conselheira/o como pessoa que auxilia. O papel do professor orientador(a) é importante para nosso caminhar, tendo a função de fazer a ponte de construção de uma relação de respeito à diversidade, tornando o ambiente mais plural e humano.

a'tó duhtí bu'ena weése paã na proficiência em português na'rê ukunó nemórô nií.

Po'terikārā mahsísé tuhkú'pi Dr. Bruno Kaingang proficiência em Língua Portuguesa senitianká to'pi tuhnimí: “Ahka'werí tukano maniné po'terikārā português ukuró nií maniné ahpena yé'é nií mani ukunsé però'pi níró nií. Yí'ĩ Kaingang ukuú, mĩ'ĩ Tukano ukuú, Isael Guaraní ukuú mahsímí kĩ Woie Xokleng ukuúmi. A'tiró nií maniné”. Proficiência programa tohakiaró weé'tamó, anhunó weékeosé, pehé nií na seni'se a'té nií artigo ohoasé, paperá turi si'õrí weesé, 30 bu'ese ehó peóssé, mahsise buenosé, apeyé nisa. To'ó tohakiaró pahaná po'terikārā utamunsé, mahs'f tuhtuaki, wákú tutuaró toho nikā, ahpaturi wee'kāse na weé'se.

A'MÉ DO'OSÉ DUTURA NUMIÃ PO'TERIKARÃ BUENA PPGEDU/UFRGS

ĩ'sā ti'ó ĩ'yā a'mé do'ósé pi to beró werê kasĩ besé nika wamé kúnká nikásépi ĩ'sā yeerikāpi. Dr. Bruno Kaingang toho pihsutimi, kĩ matinané werê kasa mani, anhunó autuúki mahsĩ wetamuki nimi. Bu'eki werê kasĩ kĩ darató ĩ'sā ti ma'ā waha toré anhú, kĩ nimi ĩ'sa anhunó daratamu ukuú'āki toho nikare pahaná wa'ateró ehó peoki, tó mahsā me'rā anhunó nibosá.

Ati'ro nisa po'terikāhar 'bu'enané Universidade Federal da Integração

É assim que parte dos estudantes indígenas da UNILA, apoiados por um pequeno número de docentes, técnicos e técnicas que reconhecem a importância e responsabilidade da educação intercultural, abrem “brechas” no muro construído pela desigualdade social dentro da própria universidade, em suas múltiplas manifestações: socioeconômicas, culturais, políticas, linguísticas, religiosas e ideológicas. Isso tem ocorrido pela retomada de suas trajetórias de vida de maneira autoetnográfica, pela construção de respostas científicas às demandas de seus territórios de origem e ainda pela ênfase na reparação epistêmica, formas de resistência que precisam ser sublinhadas (Angileli, Assunção e Oliveira, 2025, p.190).

As professoras doutoras do programa deixam o ambiente de interação pacífico, através da oferta de suas disciplinas, oportunizam compartilhar o saber com diálogos interculturais, formando um corpo de aprendizagem coletivo. No programa apodera as teorias acadêmicas ocidentais, em contrapartida, compartilho com o grupo a teoria/prática de conhecimento tradicional indígena (Tukano) que no olhar do mundo acadêmico é conhecida como algo folclórico, lendárias e mitológicas que existem somente no imaginário indígena. Como dizem Maia e Farias (2020):

Criou-se a ideia de racionalidade e de ciência como fenômenos exclusivamente europeus; os demais conhecimentos eram considerados mágicos e míticos, relegados a uma categoria inferior e não racional, apagando a história de civilizações com vasta tradição anterior, Maia-Asteca. (p. 589)

Latino-Americana (UNILA), nané nhapeosamá buegú muniá, técnicos e técnicas naré pití wahkú heopeomá tohó nilkā na educação intercultural nisé, tó'pí paani na ninó watéro na desigualdade social na universidade popeapi weé darakê, na dikesé wekê: socioeconômico, culturaus, políticos, linguísticos, religiosos e ideológicos. Na weépā deró kahtiro kahsé nikê, mahsise, tohó autoetnografico pihisuma, te'é daranopā masisé científicas ietiseré ukunseré mena po'terikāharā na yá ditá mahsakaropi té'é ênfase epistêmica ahpôkê, deró tuhtuakê anhunó yá'pô katiró. (Angileli, Assunção e Oliveira, 2025, p. 190)

Na bu'ego karā dutura numiā programa niná, namená niató're anhunó héripóna ti'ó ỹāno kuma, na bu'esé wateroré namena ỹsā ukuú mahsísé, ỹsā keoseré namena dikawā, parna wateró buenó. Tó programa piré ỹsā bu'é nikā na pekāsāha na acadêmicas mahsísé, toho nikane, mitíí, naā né, ỹsā po'terikarā dipokāp' mahsí mimiatikê (Tukano) ukuú toho weró acadêmico imikohoo ỹ'yā 'ano mani mahsísere a'tiró pihsumá teré bahsasé, kihti, waí mahsā po'terikarā wahkusé'pi nisé nisa. A'tiró Nimā Maia e Farias (2020):

Masó nopā te'é ti'o yá'asé té masisé nipā europeus na diaki keosé, apeye masísé po'terikarā yé kihti na weresé werónó nipā tohó wero a'té masisé dokāpi nipā tuú ka'mo ta'anopā tohó weró anhunó ti'ó yá'asé weró nitipā, té mahsā yeré kihti tuú koé nopā na di'pokākāhi na masísé Maia-Asteca diporó na keókê. (p.589)

A presença no programa permitiu que os docentes ofertassem disciplina voltada para assuntos ameríndios e outras metodologias de pesquisa, além de palestras, seminários externos, muitos deles remotos, trazendo professores externos renomados com vastas experiências. Dominar as línguas estrangeiras, espanhol e inglês, para realizar diálogos é um dos grandes desafios. Através das professoras, hoje integro o Grupo de pesquisa PEABIRU: Educação Ameríndia e Interculturalidade e a Associação Sul-Americana de Filosofia e Teologia Intercultural (ASAFTI), coordenando o eixo temático: Culturas Ameríndias.

Estar no programa envolve não somente a titulação, mas abrir um diálogo entre a ciência acadêmica ocidental e a ciência indígena. A presença na universidade nos anima e enche de esperança por um mundo igualitário e justo, mas também por espaço que acolhe, soma e agrega, pois se sonha por uma universidade plurirracial que seja capaz de contribuir na luta contra o racismo e a violência epistêmica. Que o PPGEDU disponibilize o acesso à bolsa de estudo e moradia, pois sem elas é impossível a permanência. Que a UFRGS possa garantir uma universidade inclusiva e enriquecedora para todos. Aos professoras doutoras do programa, minha orientadora, obrigado por ter acolhido, que continuem lutando pelos seus propósitos que não podem parar, contamos com as parceiras.

Portanto, os desafios descritos demonstram a resistência, a luta e a força dos povos Tukano, Guaraní, Kaingang e Kubeu

Programa popeapí nikā tó bu'esere na ukuú â'teré ameríndios kahsé níí te'è me'rā áhpeyē me'rā anhunó hamansé weése toho nikā pahaná wa'ateró ukuúnsé, ahpena mahsā me'rā ukuú, a'té ahpeteró yoaró pi'tó me'rā ukuúanse, bu'egi apé ditá kīī niné pehé mahsise kionā nimá. Apé'na uúkusehe mahsinó espanhol, inglês tá, toho weekí ahpena me'rā uúkū â'to nimi ʔsā né pahí'ró diosá. Bu'egó'karā wa'teró, anhunó hamansé PEABIRU: Educação Ameríndia e Interculturalidade, Associação Sul Americana de Filosofia e Teologia Intercultural (ASAFTI) a'teré ukuú: Cultura Ameríndias.

Programa ninó titulação nheénó di'akī mehtá níí, ukuúsé paā'nó níí to'ó decopí perkasā acadêmico mahsisé mani po'terikaharā mahsise. ʔsā a'tó universidade nina ekatií a'tó imikohoo nipetina nikánoro weéro heompeóro disa, ʔsā ninó anhunomena poteninó anhunró weéatamuse disá, ʔsā universidade nipetina mahsā ayunó ehó peosé ninó disa, ʔsā ukuú amekense weé tamunó disa ahpero maniné yānó nipetiró toho nika diporopiré na yanó weé mahsikêre. PPGEDU ʔsā sahaníkano bu'eró ahurú obosama toho nika ninó, a'té manikane tohakiaró diosaníí. UFRGS kunbosa nikanó universidade nipetina anhuno heopeoro ninó nipetina bikiaró. ʔsā buegó numiā duturua programa níina, yīī weré kagsagó, ehakā misā poteníwē anhuú misā ukuú amekêse weé'kanha duutikanha teré, ʔsā menakārā níí.

A'tiró weró, a'tó ierêpease ohoakê ʔyó na piti tutua kease, a'me kêesehé na po'terikahā Tukano, Guaraní, Kaingang

em defesa de seus saberes, modos de ser e viver, sem inclinar-se à matriz colonial e apontando a existência de outros saberes, outros modos de ser e outras formas de interpretar o mundo são possíveis. Assim, mostram possibilidade de transformar a universidade da UFRGS e outras em um espaço de afirmação identitária dos povos.

toho nikā Kubeu tuútuasé tóhó weéna tuú
ka'mo ta'ama na masísé, na dero nisetiró
na katîro, mu'ri ke'aró maninó a'té matriz
colonial niiró to'pî yûú pu'ánó hape'yé
masise niísere, ape'yé deró nisetiró apé'yé
anhunó imikohó werê kasaró basióse.
A'tîró, buhúse basió universidade UFRGS
dohóro tohó ninó wateró mahsā deró na
nisetisere heoperó nií.

REFERENCIAS

- Angileli, C.M.M.M.; Assunção, S.B.; Oliveira, A.M.D. (2025). Estudantes nas universidades periféricas e seus desafios na educação superior: o caso da UNILA. *Revista Memória em Rede*, 17(32), 190.
- Backes, J.L. (2022). La presencia de indígenas en la educación superior: una estrategia de afirmación de las identidades. *Revista Contrapontos*, 22(2), 20-30.
- Belfort, S.A.I. (2023). *Tra(n)çando Caminhos: A História de Vida de Andila Kaingang* [Tese de doutorado não publicada]. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Bergamaschi, M. A; kurroschi, A. R.S.(2013). *Estudantes Indígenas no Ensino Superior: o programa de acesso e permanência na UFRGS. Políticas Educativas*, 6(2), 1-20.
- Danner, L. F.; Dorrico, J.; Danner, F. (2019). Em busca da terra sem males: violência, migração e resistência em Kaká Werá Jecupé e Eliane Potiguara. *Estudos iterários brasileiros contemporâneos*. 58, p. 1-17.
- Domingos, A.(2022). *Entre Territórios e Territorialidades Originárias: A Resistência Kaingang Frente às Violações dos Direitos Indígenas no Sul do Brasil [Dissertação de Mestrado]*. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Ferreira, B. (2023). *Ũn si ag tũ pê ki vênh kajrânran fã – O papel da escola nas comunidades Kaingang* / Bruno Ferreira; prefácio de Gersem Baniwa; Maria Aparecida Bergamaschi. 1 ed. CirKula.
- Galdino, J. R. V.; Ayres, O. M.; Maciel, W. (2016). Recriação de espaços dos saberes tradicionais na educação escolar indígena e na educação superior indígena. Em: *Seminário Internacional da Rede Casla Cepial*, 7, 2016, Rede Casla-Cepial. 1-4.

- Globo G1 RS. (30/03/2022). *UFRGS anuncia criação de casa estudantil para indígenas em Porto Alegre*. Portal de notícias da Globo. <https://tinyurl.com/5wafdsz3> Acessado em 25 de fevereiro de 2025.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022). *Censo Brasileiro*. IBGE. <https://tinyurl.com/4a3vwnp6>
- Imprensa Assufrgs (2024). *Primeiros professores indígenas são empossados na UFRGS*. <https://tinyurl.com/5y6j3ez2>
- Jornal da UFRGS (16 de dezembro de 2020). *Entrevista com o Primeiro Doutor Indígena da UFRGS*. Radio Jornal da UFRGS. <https://tinyurl.com/y8kp8c4n>
- Kaercher, G.E.P.S.(2020). *Ações Afirmativas, Reparações e (Re) Invenção de Espaços acadêmicos: você se atreve a abandonar o medo? Em: Graduação [recurso eletrônico] / Dandara Rodrigues Dorneles ... [et al.] organizadores; prefácio de Nilma Lino Gomes. – 1. ed. –CirKula 247 p.: il. 23-26.*
- Lei 12.711 (2012). Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasil, Diário Oficial da União.
- Little, P. E. (2002). Etnoecologia e direitos dos povos: elementos de uma nova ação indigenista. In: Lima, A. C. S.; Barroso-Hoffman, M. (org.). *Etnodesenvolvimento e políticas públicas: Bases para uma nova política indigenista*. Laced, pp. 39-47.
- Luciano, G.J.S. & Freitas Luciano, R.R. (2020). *Ingresso de indígenas na educação superior no Brasil. Um ensaio panorâmico*. Revista del CISEN Tramas/Maepova, 8 (2), 175-195.
- Luciano, G.J.S. (2013). *Educação para o manejo do mundo: entre a escola ideal e a escola real*. Os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro. Contra Capa; Laced.
- Luciano, G.J.S. (2010). *Educação Escolar Indígena: Estado e Movimentos Sociais*. Revista FAEEBA, 19(33), 35 - 49.
- Menezes, M.M. & Porciúncula, V.R. (2024). *Vozes negras e indígenas: caminhos para educação antirracista e intercultural* [recurso eletrônico]. CiRKula. <https://tinyurl.com/36e8kkvk>
- Patté, W.K.S. (2023). *Escola Indígena Diferenciada: retomando a educação Xokleng*. [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. <https://tinyurl.com/4y48jr7z>

- Pinheiro, I.S. (2024). *Arandu: a pedagogia Guarani das pelas palavras*. [Tese de Doutorado no publicada]. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Portal das Missões. *Os primeiros habitantes do Rio Grande do Sul: os indígenas*. Portaldasmissões. <https://tinyurl.com/2j9fxurj>
- Portaria nº 34 (2020). *Dispõe sobre as condições para fomento a cursos de pós-graduação stricto sensu pela Diretora de Programa e Bolsas no País da CAPES*. Brasil, Diário Oficial da União
- Ribeiro, L.E.L & Bergamaschi, M.A.(2022). *Ações afirmativas no ppgedu/ufrgs: O ingresso de estudantes negros favorece outros modos de narrar?* 9º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação e 6º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação. ULBRA.
- Ramos, A.R. (2023). Intelectuais indígenas abraçam a antropologia. Ela ainda será a mesma?. *Anuário Antropológico*, 48 (1), 11-27.
- Ramos, R.C.R.(2021). *Kubai o encantado: Literatura Infantil Indígena em foco*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. <https://tinyurl.com/ytxnhz6m>
- Reinholz, F. (22.jul.2023). *É fundamental a ocupação da universidade”, diz a primeira doutora indígena da UFRGS*. Brasil de Fato (BdF) RS. <https://tinyurl.com/3zwtvtmz>
- Saes, D. A. M. (2012). Interdisciplinaridade e intercientificidade. *Educação & Linguagem*, 15(25), 255-265.
- Smith, L. T. (2018). *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas*. Tradução: Roberto G. Barbosa. UFOR, 239 p.
- Silva, P.B.G. (2020). Considerações provocadas pela obra reafirmando direitos: cotas, trajetórias e epistemologias negras na pós-graduação. *Em: Reafirmando direitos: cotas, trajetórias e epistemologias negras e quilombolas na pós-graduação [recurso eletrônico] / Dandara Rodrigues Dorneles ... [et al.], organizadores; prefácio de Nilma Lino Gomes. – 1.ª ed. –CirKula. 247 p.: il. 211-212.*
- Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Faculdade de Educação. (26 de fevereiro de 2025). *Histórico da Faculdade de Educação*. UFRGS/FACED. <https://tinyurl.com/mrt5prey>

NOTAS

- 1 Batismo Tukano denominado: “*guardião das portas do universo*” e Osmar do batismo colonialista.
- 2 BOABA: inspiração para enraizamento de políticas afirmativas em Programa de Pós-Graduação, com financiamentos da CAPES.